UNIV OF
TORONTO
LIBRARY

PRESENTED TO

THE LIBRARY

BY

PROFESSOR MILTON A. BUCHANAN

OF THE

DEPARTMENT OF ITALIAN AND SPANISH

1906-1946

CANCIONEIRINHO

DE

TROVAS ANTIGAS

[illegible] CANCIONEIRO

DA BIBLIOTHECA DO VATICANO.

PRECEDIDO

DE

UMA NOTICIA CRITICA DO MESMO GRANDE CANCIONEIRO,

E A LISTA DE TODOS OS TROVADORES QUE COMPREHENDE,

PELA MAIOR PARTE PORTUGUEZES E GALLEGOS.

VIENNA.

TYPOGRAPHIA I. E R. DO L. E DA CORTE.

MDCCCLXX.

Miller & Buchanan
Univ of Chicago
1905

ITALIA-ESPAÑA

GUÁRDESE COMO

JOYA PRECIOSA

EX-LIBRIS

M. A. BUCHANAN

5.40 m

4 Por. C
V 3194c

[Varnhagen, Francisco Adolfo de]

CANCIONEIRINHO

DE

TROVAS ANTIGAS

COLLIGIDAS DE UM GRANDE CANCIONEIRO

DA BIBLIOTHECA DO VATICANO.

PRECEDIDO

DE

UMA NOTICIA CRITICA DO MESMO GRANDE CANCIONEIRO,

COM A LISTA DE TODOS OS TROVADORES QUE COMPREHENDE,
PELA MAIOR PARTE PORTUGUEZES E GALLEGOS.

492521
1. 6. 49

VIENNA.

TYPOGRAPHIA I. E R. DO E. E DA CORTE

MDCCCLXX.

NOTICIA CRITICA.

Havendo encontrado em Madrid em 1857. na livraria de um Grande d'Hespanha, amigo nosso, um cancioneiro portuguez manuscripto, apressámo-nos, com a necessaria autorisação previa sua, a fazer delle tirar uma cópia. Nem as nossas occupações nos permittiam fazel-a pessoalmente, nem o tivemos por mui essencial, ao suspeitar, por se acharem ahi as poesias d'elrei D. Diniz taes como as publicára Moura, que o manuscripto não passava de ser um transumpto do conhecido codice 4803 da Vaticana, que então julgavamos mui correcto e de toda autoridade. Assim pois pensámos que possuindo esta cópia tal como então nos era possivel obtel-a, conseguiriamos algum dia corri-

gil-a pessoalmente, em presença do codice romano.

A occasião não tardou em se nos proporcionar. Havendo aproveitado de um ensejo que se nos apresentou, fomos a Roma em abril de 1858; e apenas ahi chegámos, apezar de tantas distracções, que offerece ao espirito a capital da antiga civilisação romana e da moderna civilisação catholica, não perdemos um momento em correr á bibliotheca do Vaticano, a cotejar a lição do seu codice 4803 com a da cópia que levavamos, tirada pagina por pagina, linha por linha, e lettra por lettra da de Madrid.

Desde logo vimos confirmadas as nossas suspeitas, ainda muito além do que pensávamos; pois advertimos que muitos erros que attribuiamos só ao exemplar de Madrid, v.' gr. *figlio* por *filho*, *chiamar* por *chamar*, e outros mais marcados, se encontravam tambem na cópia de Roma, evidentemente feita por copista italiano pouco destro. Apezar

disso, procedemos ao cotejo do melhor modo que nos foi possivel no pouco tempo de que podiamos dispor. Resultou porém delle, incompleto como foi, a convicção de que um e outro manuscripto são incorrectos, e de que, em muitos logares, só á força de combinar o sentido e a rima e o metro com o numero de ligações que se contam em certas palavras é que algumas destas se podem ir decifrando. Isto pelo menos no que respeita às primeiras paginas do manuscripto; pois mais ao diante, ou porque o amanuense ja se achava mais adestrado, ou porque da cópia se encarregou pessoa mais competente, ha paginas, incluindo as que contém as poesias d'elrei D. Diniz, que se lêem bem. Voltaremos porém a tratar deste ponto ao descrever o codice.

Apezar dos defeitos dos dois manuscriptos, e por conseguinte da nossa cópia, depois de fazer sobre ella algum estudo, deliberámos, nesse mesmo anno de 1858,

entregál-a ao prelo, deixando lacunas nos logares que não podessemos entender.

Se a edição se tem levado então a cabo, quantas penas e quantas dúvidas não houveramos poupado ao benemerito Wolf!

Nos trabalhos preparatorios para realisar a empreza nos achavamos, quando tivemos que seguir, por ordem do Governo Imperial, para o Paraguay, residencia que não era por certo então das mais adaptadas para poder votar ás lettras nenhum instante de descanço o agente do Brazil ahi residente.

Regressando ao Rio de Janeiro foi um de nossos primeiros cuidados o occuparmo-nos definitivamente da publicação do nosso manuscripto.

Mostrando-o a S. M. o Senhor D. Pedro 2º, bastande conhecido no mundo por seu amor ás lettras, de que é tão cultor quanto lh'o permittem os cuidados e afans do governo, vimos com a maior satisfação que

o chefe supremo da hoje maior nacionalidade na lingua portugueza Se Dignou Conceder sua alta protecção para ser effeituada á sua custa, na pitoresca cidade de Petropolis por Elle fundada, uma edição condigna deste monumento quasi primitivo da nossa lingua, e da influencia nella dos antigos trovadores. As composições destes viriam, assim, do meio dos mattos virgens da outr'ora colonia portugueza a ser, com o auxilio da imprensa, propagadas nas cidades onde em mil saráus se haveriam cantado ha cinco e seis seculos. Eis a ordem, que recebemos, assignada pelo mordomo da Caza Imperial o Conselheiro Paulo Barboza da Silva, em 17 de Janeiro de 1861. „Sua Magestade o Imperador Houve por bem approvar a proposta que V... fez relativamente á impressão do inedito Cancioneiro, e determina que V... se encarregue de mandar imprimir esta obra na typografia do „Mercantil“ de Petropolis, na conformidade do

orçamento apresentado, e com os typos do modelo incluso.“

Desta resolução demos de continuo aviso á typografia, que immediatamente fez subir os novos typos já encomendados, e dispoz que lhe fossem enviadas algumas resmas de papel, a fim de que sem demora se começasse a obra.

Porém ainda desta feita não foi possivel levar-se ávante semelhante edição, emvirtudo das contingencias a que está exposto o litterato que é ao mesmo tempo empregado público. Não eram passados tres dias, quando recebemos do Ministerio dos Negocios Estrangeiros um despacho annunciando-nos uma transferencia para Venezuela, com ordens para seguir logo viagem. Antes assim: pois em triste collisão nos encontrariamos se uma semelhante ordem nos houvesse sido transmittida algumas semanas mais tarde, quando já tivessemos em meio a impressão da obra!

As occupações officiaes em que nos achámos desde 1861 a 1867, quer nas republicas de Venezuela, Equador, Perú e Chile, quer nas proprias Antilhas, não nos deram muita occasião de pensar em semelhante edição, para a qual até ahi nos faltavam auxilios. Passando ultimamente á Europa, chegavamos de novo a lançar-nos á empreza, quando, com bastante fundamento, nos constou que havia uma sábia corporação, por todos os titulos mais habilitada, que se propunha a leval-a ávante, e assentámos de que, quando tanto inédito ha por publicar, não conviria, por nenhum modo, que deste sahissem a um tempo de prelos diversos duas edições, guerreando-se uma á outra, como succedeu com o Leal Conselheiro, e ainda ultimamente com a chronica brasilica do jesuita Simão de Vasconcellos. Bem basta que nos sujeitemos uma vez a esse encontro a respeito do Cancioneiro do Collegio dos Nobres, do qual pensamos offerecer ao publico, mais dia menos

dia, uma nova edição, embora a mesma sábia corporação realise a que igualmente premedita.

Determinados (com mais razão agora que toda a nossa applicação será pouca para a dedicarmos a estudos acerca do nosso paiz) a abandonar a ideia de fazer essa edição que por duas vezes a sorte nos arrancou das mãos, nem que avisando-nos para não a acomettermos por 3ª vez, julgámos que a circunstancia de havermos pessoalmente examinado, ainda que á pressa, o manuscripto de Roma, e de conhecermos bem o de Madrid, seu espelho, e que nem todos terão proporções para ver (quando nem nos achamos autorisados a declarar quem é o seu possuidor) nos impunha o dever de publicar esta noticia, supprindo assim uma lacuna deixada por Lopes de Moura, que deu do codice uma ideia bastante imperfeita. A pequena collecção que juntamos das composições que julgamos mais caracteristicas não só completará esta noticia,

como servirá a excitar mais a curiosidade do público, para melhor receber a futura edição do mesmo Cancioneiro, que oxalá se não faça esperar muito. †)

Começam ambas as copias mui ex ab rupto, sem nenhum titulo ou prologo, com a trova de Fernão Gonçalves, que adiante publicamos sob o n. xlij. O appellido do trovador está escripto G o n s a l u i t: mas percorrendo o manuscripto se reconhece que o copista leu varias vezes u i t a syllaba v e s d o

---

†) A nova publicação poderia reduzir-se a conter umas 600 composições, se della se quizessem excluir as de D. Diniz, ja publicadas por Moura, e mais cincoenta e tres pelo menos, que se acham repetidas no Cancioncirо de Lisboa, attribuido por varias razões ao Conde de Barcellos; além das que no proprio Cancioneiro de Roma se acham repetidas, das que aqui publicamos, e de um grande numero que, por decencia e pelo respeito do editor ao publico e a si mesmo, haverá que excluir do qualquer edição não clandestina.

antigo codice. Seguem-se logo na primeira lâuda duas trovas de Pero Barroso, que são as reproduzidas nas Trovas e Cantares, sob os nºs 231e 232.

Vem ainda nessa primeira pagina o principio de outra canção. E' do trovador Sancho Sanchez e começa:

> A minha Senhor que eu mais doutra ren
> Dezejei sempre etc.

A lettra do manuscripto da Vaticana é do seculo 16°; mas não portugueza nem castelhana, como se pode ver pelo fac-simile que acompanha a edição das cantigas d' elrei D. Diniz por Lopes de Moura. O papel é contemporaneo forte, de linho e não aparado; e tem por marca d'agua um cordeiro. O livro consta de 200 folhas, alem de algumas em branco.

No alto da pagina do principio, á margem do mencionada primeira trova, vê-se escripto „103;" do mesmo modo que ao lado da 3ª mencionada trova se lê em romano

„Lxxxvj.“ Esta numeração encontra-se ainda uma vez, lendo-se 87 ao lado da trova 6ª; mas logo desapparece. Porém estes dois simples vestigios acaso nos servirão a explicar a que se referiam. A primeira numeração desapparece por algum tempo; mas volta a apparecer ja no meio do codice com o n. 200, e então segue sem interrupção até o n. 300, com que acaba o Cancioneiro. Desde aquelle n. 200 por diante se acham seguidamente os outros nºs 201, 202, 203 etc. postos, pouco mais ou menos em cada cinco ou seis trovas, e dão a conhecer que essa numeração era a dos folios do antigo codice, e que o copista que até ali a omittira de intento, ou por descuido, segue attendendo a ella, passando-a á sua copia até o fim. Mas começaria o codice com o Cancioneiro, ou haveria antes deste algum outro tratado? Se as poesias começavam com o codice, visto que este actualmente comprehende pouco mais de mil trovas (contando as que estão repe-

tidas) e os nºs de 200 a 300—somente se applicam aos antigos folios da sua segunda metade, segue-se que á primeira metade corresponderiam proximamente os outros cem numeros anteriores.

Em todo o cazo não ha dúvida que os nºs 103, e, depois, 200 até 300 nos vem revelar com toda a evidencia, que o antigo codice constante de 300 folhas ja estava falto das primeiras 102, quando delle foi tirada a cópia da Vaticana.

Pelo que respeita ao fim, não temos a menor suspeita de que esteja ahi falto o Cancioneiro, e naturalmente o „Finis Laus Deo Semper“ que na copia se lê, depois da trova que adiante publicamos sob o num. xliij estaria tambem no original.

O exemplar de Madrid, de lettra e papel mais modernos, é em tudo o mais como este. Consta porém de 272 folhas escriptas, além da 111, que vem repetida duas vezes na numeração.

Acode logo á tembrança d suspeita de se poderiam ser desses 102 folios que se extraviaram do primitivo codice, os que no de Lisboa, em numero de metade, ainda existem. Oppoê-se porém a semelhante suspeita o argumento de não serem nessas folhas designados os trovadores, segundo o systema invariavelmente seguido no codice de Vaticana, até nas proprias canções menos dignas de publicação.

Mais natural nos parece que as tres primeiras folhas do codice fossem de assumpto estranho ao Cancioneiro, embora por ventura tambem trabalho de seu collector, como parece ter succedido no de Lisboa. Sendo assim, os taes numeros lxxxvj e 87 poderiam ter correspondido na primitiva só ás landas do Cancioneiro †), e, como o se-

†) M. Grüzmacher em um artigo publicado no tom. VI do Jahrbuch für Romaniſche und Engliſche Literatur, de que temos conheci-

guimento dessa numeração corresponde a cada tres cantigas ou trovas, se poderia colligir que ao Cancioneiro faltam oitenta e quatro laudas, ou quarenta e dois folios, que conteriam proximamente duzentos e cincoenta e duas trovas.

A copia da Vaticana é como dissemos do seculo 16°, e provavelmente foi feita na propria Roma, quando o Cancioneiro ahi „se achou em tempo d'elrei D. João 3°,“ segundo assevera Duarte Nunes na chronica d'elrei D. Diniz.

Além das mencionadas faltas provenientes da nacionalidade do copista, ha outras motivadas de não ser elle familiar com a

---

mento por uma carta do Sr. Diez, ao entrar no prelo esta pagina, crê (p. 352) que a numeração que segue no fim até 300 era continuação da lxxxvj e lxxxvij. E' porem evidente o engano, visto que esta numeração corresponde a cada trez cantigas ou trovas, e a outra, de 200 em diante, admitte cinco ou seis, sem discrepar jamais.

lettra do original, de modo que transcreveu muitas vezes as abbreviaturas sem as haver entendido, e trocou em semelhante transcripção algumas lettras, o que melhor se adverte na repetição dos estribilhos, ou das proprias cantigas inteiras, quando se acham transcriptas mais de uma vez, como succede a varias. Semelhantes irregularidades se notam nas repetições dos nomes dos mesmos trovadores, e ás vezes os erros passaram não só nas abbreviaturas, mas até em muitas palavras escriptas por extenso. †) Felizmente ao menos nota se que o copista ou copistas, ainda que não versados no assumpto, pu-

†) Assim o nome do grande amigo e privado d'elrei D. Diniz, ja antes correctamente designado como Stevam da Guarda passou logo a ser Steudo da Ginda, depois St. Juam da Guarda, e por fim Stevam da Guardia. E referindo-se ao mesmo soberano, as palavras „d'elrey Don" foram lidas uma vez „leetey D.," — e outra — „de heus i don" — !

nham de sua parte bastante disvelo e consciencia, e que tratavam como de pintar as palavras que não entenderiam.

As últimas duzentas e tantas composições do fim do volume, começando por Estevam da Guarda (11° nomeado por Wolf, na pag. 705) e seguindo com todos os demais até Pedr' Amigo, de Sevilha, são geralmente de escarneo e mal dizer, e estão, uma por uma acompanhados de explicações em prosa sobre o motivo que deu lugar a cada satyra (systema não seguido antes em todo o Cancioneiro), e provavelmente formariam já por si sós um Cancioneiro á parte, recolhido por algum curioso desse genero de composições, que ainda em nossos dias tem cultores.

Quanto á epoca em que deve ter sido colleccionado este grande Cancioneiro, reunindo-se evidentemente nelle outros menores, incluindo o d'elrei D. Diniz, não hesitamos em fixal-a ao meado do seculo 14°. — En-

contram-se ahi sem dúvida trovadores do seculo precedente, e até um anterior a elrei D. Diniz, que vitupera aos que entregaram os castellos de Cintra, Leiria, Celorico, Faria etc. ao Conde de Bolonha, protegido pelo Papa. Mas esses tão antigos são poucos, de accordo com a tradição e testimunho dos autores de nota, que estão concordes em presentear ao reinado de elrei D. Diniz†) a verdadeira propagação em Portugal da poesia em romance, que nos dois seculos anteriores se havia cultivado nas terras d'Aquitania, do Auvergne, e principalmente do Limosin, e que,

†) „Sobre estas grandes virtudes tinha o rei D. Diniz outra, porque dos seus era muito amado, que foi ser mui humano e conversavel, sem perder nada da magestade de Rei, e grande trovador, e quasi o primeiro que na lingua portuguesa sabemos escrevera versos, o que elle e os daquelle tempo começaram fazer á imitação dos Auvernos e Provençaes" — (Duarte Nunes, Chronica dos Reis de Portugal etc.

depois de muitos desastres nesses paizes se refugiára na Provença e por fim no reino d'Aragão (Catalunha) donde bem poderiam ter passado a Portugal maior numero de trovadores com a maior frequencia de relações entre as duas Côrtes, occasionada pelo cazamento do mesmo rei D. Diniz com a princeza d'Aragão Stª Isabel †). A vinda de trovadores estrangeiros em seu tempo, dos quaes alguns ahi tinham ficado, é muito claramente revelada na trova II desta collecção, quando o trovador jogral diz, a respeito do mesmo rei D. Diniz,

„Os trobadores que pois ficaron
En o seu reino e no de Leon."

†) Cremos que muito boa seria a educação que lhe daria Aymerico d'Ebrard, mas não temos dados que nos autorisem a julgar que este illustre prelado fosse quem inspirasse ao rei trovador o gosto pela poesia erotica e suas consequencias.

A recolleeção que nos occupa seria provavelmente feita poucos annos depois das victorias do Salado e Algeciras em 1340 e 1344. O Cancioneiro pode considerar-se como um fructo, chegado até nossos dias, da liga eminentemente politica que produziu, alem d'outros resultados, o golpe mortal ás conquistas dos infieis nas Hespanhas, e livrou de todo os Portuguezes de novas invasões delles em seu territorio; visto que com o poder que trazia Albohaeem, segundo a fraze de Padre Mestre Florez, „parecia que ameaçava o fim a toda a Hespanha, pois que jamais se vira nella tão numerosas tropas inimigas.“ —

Naquella cruzada se reuniram aos Portugueses muitos outros filhos das Hespanhas, seus rivaes, como Galegos, Leonezes, Sevilhanos e varios

. . . . . de Laredo
De Burgos e de Victoria
E extremas de Toledo.

Com os Portuguezes marcharam juntos muitos cavalleiros de Santiago (de Galliza), de Alcantara, de Calatrava e de S. Juan, além dos arcebispos de Santiago e de Toledo e de varios bispos.

Portugal ali mandou, com o seu rei, a flor da sua cavalaria, e toda a sua esquadra de vinte galés, refeita pelo mesmo rei Affonso 4º, depois do desbarate que sofrera no Algarve, quando o almirante de Castella Alfonso Jufré chegára a aprisionar e a levar comsigo a Sevilha ao de Portugal Micer Manuel Peçanha.

A reconciliação entre os dois povos, sellada com o sangue em combate contra infieis, e com o assentimento de Alonso XI. a que o herdeiro da coroa em Portugal casasse com a infanta D. Constança (ao que antes se oppunha, por não augmentar a força moral de seus inimigos) veio a produzir certa harmonia temporaria entre os dois povos, durante a qual, na mesma Castella provavel-

mente, se organisava este Cancioneiro, que pode ter sido o proprio, que foi visto depois pelo Marquez de Santillhana em sua meninice.

Comparando-se os dois Cancioneiros de Roma e de Lisboa, nota-se neste ultimo mais unidade, no meio dos desconjunctamentos que experimentaram varios cadernos do Codice. Vê-se ahi a mão do compilador ou rapsodista, não tanto no haver eliminado os nomes dos autores das trovas †), fazendo-se, por assim dizer, passar por autor de todas, mas na escolha das mais decentes, e principalmente na exclusão das que, pelos assumptos, não se poderiam considerar como portuguesas.

---

†) Não podemos associar-nos a uma opinião que foi aventada de que estes nomes se deviam ainda escrever com tinta encarnada; pois segundo se vê dos fac-similes, as lettras em tinta encarnada ja se haviam escripto no codice.

Fizemos o possivel para que a collecção que ora offerecemos conservasse em tudo o caracter do grande Cancioneiro. Entre o rei que collocamos á frente della e o que a encerra com chave d'ouro, ha logar para todos, sem attenções á nacionalidade nem á graduação.

A melhores juises deixaremos o aquilatar o tal ou qual merito poetico das composições que escolhemos. De intento redusimos ao menor numero que nos foi possivel as monotonas denominadas d'amigo, que fazem o principal peculio dos dois Cancioneiros, e as quaes (imitando o nome que lhe dão os Allemães) bem poderiamos conceituar de poesia artificial.

D'elrei D. Diniz não podendo completar a inedita que se encontra em ultimo logar no codice manuscripto, unica das do mesmo rei que deixou de ser publicada por Moura, offerecemos uma das 128 conhecidas (antes 127 porque a 57ª não é

mais que uma repetição da 18ª.) porque sobre ella queremos offerecer uma pequena variante.

Ao lado do rei artista, do rei trovador, como lhe poderiam chamar os poetas, nenhuma composição devia com mais razão seguir-se que a do pobre jogral, que, depois delle morto, se lembrou de cantar as suas virtudes, a par das esperanças no reinado de seu neto Affonso XI, que por essa occasião tomava as redeas do governo.

As pastorelas do clerigo Ayres Nunes, que damos sob o n. III e IV, podem ainda hoje rivalisar com muitas das melhores poesias sentimentaes pastoris de nossos dias. Por estas e por outras, que preferimos a essas de lamuria amorosa, e em cuja selecção foi quasi exclusivo o de Lisboa, se verá que varios trovadores não desdenhavam de tirar partido das folhas e das flores de campo, recurso de que, segundo o trovador francez Thibaut de Champagne, so se aproveitavam

os que não sabiam trovar d'outros assumptos A trova V offerece o specimen de uma satyra mais commedida na forma do que se usava naquelle tempo, segundo vemos de outras do Cancioneiro.

As coplas de João Zorro são das mais caracteristicas do Cancioneiro. Figura-se-nos que nessas singelas barcarolas se commemora a construcção por D. Affonso 4ª das galés que depois foram ser de tanto auxilio em Tarifa e Algeciras, onde o trovador parece ter-se achado em pessoa, se bem interpretamos uma de suas poesias amorosas no Salado. — A primeira de suas trovas que offerecemos é evidentemente uma b a l a t a ou canto (como a palavra o diz) para acompanhar os que bailavam.

Deixando porém de seguir com esta resenha, certos de que mais que com ella aproveitará o leitor estudando as trovas em si mesmas, nos limitaremos a observar que varias dellas e com especialidade a XXI tem

muita analogia (até na disposição dos retornellos) com uma balata usada no acompanhamento da dansa prima, que conservava de memoria o meu defuncto amigo Marquez de Pidal, e que foi muito admirada pelo Sr. Eug. Baret que a reproduz †).

Igualmente eremos dever chamar a attenção do leitor sobre a primeira composição das que damos d'Affonso Sanches, filho natural de D. Diniz. Era ella dos que chamavam tençom, mui parecida aos cantares ao desafio, ainda hoje conhecidos entre os camponios em Portugal, que de ordinario as entoam á desgarrada, isto é em uma toada identica ás que na Andaluzia chamam cañas, ou á que ainda hoje cantam os Arabes, quando suas caravanas estacionam no Deserto.

---

†) „Les Troubadours." 2e édition, Paris 1867, pag. 208.

Das vinte composições que no grande Cancioneiro se dizem „d'elrei D. Affonso de Castella e Leon," e que se attribuiram todas a Alonso X., escolhemos as tres que mais nos agradaram, e em outro logar trataremos de averiguar a quem, pelo estylo e pelo assumpto, parecem pertencer.

Encerramos a nossa collecção com a unica trova em castelhano que ha no codice. E' inquestionavelmente de Alonso XI, e damol-a com bastante differença, não já da incorrectissima versão publicada por Wolf†), mas de varias das indicações que para corregil-a propoz o venerando Diez††).

A comparação entre a que publicamos e a que dá Wolf descubrirá ao leitor a

---

†) Studien zur Geſchichte der ſpan. und portug. Nationalliteratur ꝛc. Berlin, 1859, pag. 707.

††) Ueber die erſte port. Kunſt- und Hofpoeſie ꝛc. Bonn 1863, pag. 107. Veja-se a nota sobre esta poesia.

nova especie de paleografia, de que muitas vezes tivemos que valermo-nos para chegarmos a decifrar certas palavras, algumas vezes só por uma verdadeira inspiração, ensaiando varias syllabas, e vendo qual quadrava melhor ao verso e ao numero de ligações das letras do manuscripto.

Não faltarão escrupulosos que desejariam antes possuir essas passagens, assim erradas, como se acham. Tratando-se de um manuscripto fiel e correcto, poderia ser rasoavel a exigencia de uma cega fidelidade da parte do editor. Porém para o de que se trata, cremos que semelhante servilismo (alias mais commodo e facil para o editor) seria nada menos que absurdo, e poria muitas vezes o leitor no caso de não entender o que lia. Preferimos pois o systema de offerecer o texto correcto, segundo entendemos, e consignar em notas as competentes observações.

Quanto á orthografia, adoptamos as mesmas bases, que seguimos quando resol-

vemos pôr ao alcance de todos, sem a minima dependencia de noções paleograficas, as trovas que Stuart em 1823 fizera imprimir para mui poucos, em typos fundidos de proposito e com abbreviaturas. Essas bases se reduzem:

1°. A juntar as syllabas da mesma palavra, e a separar as evidentemente compostas de duas ou mais.

2°. A desfazer todas as abbreviaturas, a introduzir a pontuação, e a preferir, sempre quenão prejudique e altere a maneira de pronunciar, a ortografia moderna.

Deste modo distinguimos, como hoje fazemos por meio do accento o v ós, pronome pessoal, do v o s possessivo; isto é escrevendo sempre v ós e v o s, em vez de v o s e v u s †).

---

†) O v o s sem accento lê-se em portuguez quasi como v u s, do mesmo modo que a m a m o s se lê quasi a m a m u s. Assim o uso do accento para desde logo indicar ao leitor o *o* bem

Pela mesma razão evitaremos o abuso do y substituindo-o nas palavras triviaes por i, e não escreveremos et a conjuncção e, como se lê com irregularidade em uma ou outra canção, provavelmente por pedantismo do copista, pois não devia ser pronunciado o t.

Igualmente escreveremos h ũ a e não h u n h a, orthografia esta que induziria algum leitor a crer que devia ler infalivelmente u-n h a; quando pelo contrario estamos persuadidos que esta palavra se soletrou u n - h a: e em todo o caso a orthografia h ũ a deixa a esse respeito toda a liberdade para cada um pronunciar como julgue que pronunciaria o trovador.

Em troco destas pequenas liberdades que julgamos do nosso dever tomar, imitando

---

aberto, é lhe de tanto auxilio como uso da pontuação; e não haveria motivo para termos maior liberdade em admittir a introdução desta, quando falta quasi completamente no manuscripto.

a outros que nos precederam neste caminho, eremos que os apaixonados da antiguidade se darão por indemnisados, vendo as trovas em typo que imita quanto é possivel o francez quasi contemporaneo, já que o original dellas se deve considerar perdido. Aos leitores que antes as desejariam em typos modernos pedimos que se resignem, ja que em seu favor cedemos em outros pontos; tanto mais quando não deixarão de reconhecer que a edição vae assim inquestionavelmente mais artistica, e que os caracteres imitando o manuscripto, pela mesma maior attenção que requerem da parte do leitor, poderão contribuir a que elle venha a restituir a algum verso a sua primeira leitura, se n'um ou n'outro lugar tivermos nós indevidamente lido v. gr. *en* por *eu*, etc.

Para não invadir as trovas com prosaicas notas modernas, quando haja lugares ou passagens que as requeiram, fique entendido que o numero da canção servirá como

de chamada á competente nota que irá no fim do livro.

Juntamos a esta noticia uma lista dos trovadores contemplados no Cancioneiro, e cujo numero não deve descer de cento e quinze, dos quaes quatorze pelo menos (segundo nossos estudos até hoje) tem composições no Codice attribuido ao Conde de Barcellos. Os que comprehendemos no nosso Cancioneiro, e que são todos distinctos dos mencionados quatorze, vão designados com um asterisco.

Depois do nome de cada trovador indicamos entre parenthesis o numero, pelo menos aproximado (pois algumas canções necessitam ser ainda mais estudadas para se poderem acaso melhor destacar) das trovas suas que se acham no Cancioneiro, e isto por parcellas que designam os gruppos dellas, pela mesma ordem em que estão no Codice. Os numeros que vão em italico referem-se ás cantigas satyricas que estão no fim do vo-

lume, segundo ja deixámos dito. Em vista desses numeros reconhecerá o leitor que apenas proximamente uma quarta parte dos trovadores figura no Codice com mais de oito composições; outra quarta apenas com uma ou duas, e devemos acrescentar que ás vezes são ellas bem insignificantes. Das outras duas quartas partes, em uma proximamente contam os trovadores de sete a oito, e na outra de tres a seis composições.

Lista alfabetica

dos

Trovadores do Cancioneiro da Vaticana.

1. Alonso Mendes de Besteiros (3).
2. Affonso* (D.) rei de Castella e Leon (21).
3. Affonso* (D.) XI. vencedor em Tarifa (1).
   Affonso Annes ($^1/_2$).
4. Affonso Annes do (ou de) Cotom (1).
   Affonso Annes de Cordu (3).
   Affonso de Cotom (2 + *11*).
5. Affonso Fernandes Cubel, Cavalciro (1).
   Affonso Fernandes (2).
6. Affonso Gomes, jograr de Sarria (1).
7. Affonso (D.) Lopes Bayão (2 + 4 + *3*). †)

---

†) Lavanha 222, n. 14.

8. Affonso Paes de Bragaa (5).
9. Affonso (D.) Sanches filho d'elrei D. Denis (12).
   Affonso (D.) Sanches (2).
10. Ayras Carpancho (7).
    Ayras, engeitado †) (4).
11. Ayras Nunes*, Clerigo (14+*1*).
12. Ayras Paez, jograr (2+2).
13. Ayras Vaez (3).
14. Ayras Perez (3+*8*).
15. Bernal de Bonaval* (15+25).
16. Calisteo (ou Galasteo) Fernandes (2).
17. Denis* (D.), rei de Portugal (128).
18. Diogo Pezelho, jograr (*1*).
19. Estevam Coelho (2).
20. Estevam Hernandes Bereto (vej. depois de 38) (*1*).
21. Estevam Fernandes d'Elvas (4+3).
22. Estevam da Guarda (6+22).)

---

†) Será algum dos visinhos designado pela alcunha?

23. Estevam Perez Froyam (Froias? Wolf Noyam e Fouam) (1).
24. Estevam Reymondo (3).
25. Estevam Trabanca (Wolf Trauerca) (4).
26. Fernam (D.) Fernandes Cogominho †) (3).
27. Fernam Froyas (Froyam?) (3).
28. Fernam Gonçalves* (1).
    Fernam Gonçalves (Wolf Gutierrez) de Seaura (Seabra ou antes provavelmente Senabria (1).
29. Fernam de Lugo. ††)
30. Fernam Padrom (4).
31. Fernam Rodrigues de Calheiros* (8+3).

---

†) Já figurava em 1261.

††) Não hesitamos em ler assim o nome do Trovador que umas vezes o copista escreveu Fernando Lago (1) outra Hernam del go (3) e outra finalmente Fernam Desquijo (5). Este ultimo nome principalmente descobre a má leitura

Despuijo
De Lugo.

32. Fernam (D.) Paes de Talamancos (3).
33. Fernam Velho (10+2).
34. Fernand' Eannes (1).
Galasteo Fernandes (vej. 16) (4).
35. Garcia Soares (1).
36. Gomes (D.) Garcia (O abbade) (2).
37. Gonçalo Eannes do Vinhal (13) ou Gonsalo (D.) Eannes do Vinhal (9).
38. Gonçalo Parro (Gol Parro, Wolf.) (1).
Hernandes Barreto (vej. 21).
Hernando Rodrigues Redondo (vej. Rodrigo) (1).
39. João, jograr, morador em Leon (2).
40 João (D.) d'Aboim†) (13+2).
41. João Ayras,* (ou D. João Ayras) burguez de Santiago (24+48+6).
João Basquiz de Talaveyra (vej. João Vasques de Talaveira).
42. João Baueca ou Baueza (8+14+7).
43. João de Cangas* (2).

---

†) Já figurava em 1264.

44. João Fernandes Dardeleiro (*3*).
45. João Garcia Sobrinho (2).
46. João de Gaya, escudeiro (*1*+*5*).
47. João de Guillade (12+20+3+*8*).
48. João Lobeira†) (*1*).
49. João Lopes d'Ulhoa††) (7).
50. João Mendes de Besteiros (9).
51. João Nunes Camanes (5).
52. João de Requeixo (5).
53. João Romeo (de Lugo) (*1*).
54. João Servando* (3+*4*).
55. João (D.) Soares Coelho†††) (13+12).
56. João Soares da Gaya (o irmão de Martim Soares) ††††) (1).
57. João Soares de Panha (alias Paiva ou Pavia (1).

---

†) Já figurava em 1278.

††) Veja Lavanha 99 n. 3.

†††) Senhor de Boiros: Lavanha 227, nota C.

††††) Este nome não vem especificado no Cancioneiro.

João Vasques (4).

58. João Vasques ou Basques de Talaveira (8).
59. João Velho (*1*).
60. João Zorro(*) (8).
61. Juyão (Julião) Bolseiro (1+16).
62. Lopo, jograr (3+7).
63. Lopo (D.) Dias †) (Liao, Wolf 1+*14*).
64. Lourenço*, jograr (1+1+7+*4*).
65. Martim Annes Morinho (Wolf).
66. Martin de Caldas (6).
67. Martin Campina (2).
68. Martin Codaz (7).
69. Martin Moxa* ou Moya (14+2).
70. Martin Pedrozelos* (Wolf, Padrozelos) (10).
71. Martin Perez Alvin (5).
72. Martin Soares[11]) (*11*).

†) Lê-se Lias, mas ha uma trova de Pero da Ponte que revela o nome.

73. Martin de Vigo †) (6).
74. Men Rodrigues Tenoiro ††) (8+1).
75. Men Vasques de Folhete (1).
    Mendinho (Não será um dos de cima?) (1).
76. Nuno Fernandes (Wolf, Nuno Freez) (6).
    Nuno Fernandes Torneol* (6+*1*).
77. Nuno Perez Sandeu (4).
78. Nuno Porco (1).
79. Pay (Payo) Calvo (2).
80. Pay de Cana, Clerigo (2).
81. Pay Gomes Charinho †††) (11+7).
82. Pay Soares (3).
83. Pedro* (D.) Conde de Barcellos (3+7).
84. Pedro Amigo* de Sevilha (12+8+*4*+*4*)

---

†) Damos este nome ao trovador de Vigo por nome Martin, cujo appellido, como se acha escripto Byzo (Wolf Giizo), cremos até leitura errada de Vigo ou Bygo.

††) Veja Linhagens de Lavanha 395, n. 3.

†††) Foi, segundo Lavanha, almirante de Castella com D. Sancho, o bravo, que reinou de 1284 e 1295.

Pedranes Solas (Ssocaz, Wolf) Vej. 87 (3).

85. Pedren Salaz (Solar, Wolf: Vej. 87) (2).
86. Pedro (D.) Baez (*1*).

Pedro Garcia Burgalez (V. Pero Garcia) (2).

Pedro Solar (1).

87. Pereda* (*1*).
88. Pero Alcobo (Wolf e Grüzmacher: Meogo) (9).
89. Pero Annes Marinho (1).
90. Pero Darmea (13+3).
91. Pero Dambroa (1+4+1).
92. Pero de Bardia (4).
93. Pero Barroso (2+7).
94. Pero Garcia* (Vej. Pedro Garcia Burgalez.

Pero Garcia Barroso (3).

D. Pero Gomes Barroso (1).

95. Pero Gonçalves de Porto Carreiro* (3).
96. Pero Goterres, Cavaleiro (1).
97. Pero La Ronco (Wolf Larouco) (2).
98. Pero Mendes da (ou de) Fonceca (5+*1*).

99. Pero d'Ornellas* (1+1).
100. Pero da (ou de) Ponte (7+½+13+1).
101. Pero de Veez†) (3).
102. Pero de Viviães* (2+1).
103. Raymon Gonçalves (1).
104. Rodrigo Annes d'Alvares (1).
105. Rodrigo Annes Rodondo ††) (1).
106. Rodrigo Annes de Vasconcellos (3).†††)
107. Roy Fernandes, Clerigo (6).
Roy Fernandes (19).
108. Roy Martins (4).
Roy Martins do Casal (6).
109. Roy Paes de Ribela* ††††) (2+4).
110. Roy Queimado (4).
111. Sancho Sanches (1).
Sancho Sanches, clerigo (7).

---

†) Pensamos primeiro se seria este o seguinte em abbreviatura; mas achamol-o por vezes escripto do mesmo modo, pelo que duvidamos.

††) Lavanha 231, 55.

†††) Lavanha 305, n. 11.

††††) De Ruy Paes Viegas trata Lavanha 337.

112. Vasco Gil (1).
113. Vasco Peres (3).
114. Vasco Peres Pardal (6).
115. Vasco Praga de Sande. (4)
116. Vasco Rodrigues de Cavelo (4+9)
Vasco Rodrigues de Caldo (2).

Deixamos de enumerar alguns nomes, quando suspeitamos que eram elles dos mesmos individuos ja designados de outro modo. Neste caso está o de Ayras, Engeitado, que bem pode ter sido em um logar citado pela alcunha, e n'outro pelo verdadeiro appellido. Assim é mui possivel que no catalogo real delles haja que acrescentar um ou outro mais; porém nunca tantos que faça elevar o numero a cento e vinte e sete distinctos, como supposeram Wolf e Diez. Wolf deixou de fazer menção de Pero Annes Marinho; mas em cambio trata de um Martin Annes Morinho e um Caldeyrom de que não encontramos vestigio na nossa copia, e não tivemos meio de fazer averiguar em Roma.

Quanto aos nomes Affonso Annes, Affonso Annes do (ou de) Cotom, Affonso de Cotom e até o proprio Affonso Annes de Cordu temos por mais que provavel que todos se referem ao mesmo trovador, — o celebre Cotom, filhado†) por D. Pedro, que, segundo um rei de Castella trovador, merecia ser por isso enforcado. Os seguintes versos de uma trova do mesmo Cotom nos revelam a sua residencia:

„As minhas jornadas vedes quaes son:
„Meos amigos mentem de femença;
„De Castr'a Burgos e end'a Palença
„E de Palença sair m'a Carrion,
„E end'a Castro" etc.

Cumpre-nos acrescentar que entre as composições, que deviam fazer parte desta collecção se comprehendiam mais duas de Pero Alcobo, mais outra de Affonso Sanches,

†) Trovas e Cantares — Novas paginas de notas pag. 379.

e uma de Estevam Coelho, as quaes nos apressámos a recolher (depois de estarem na imprensa) apenas fomos informados de que ja se achavam publicadas como amostra, com outras dez mais, no Annuario da litteratura romance e ingleza, de Leipzig. Apenas conservamos uma das de Pero Alcobo (ahi chamado Meogo) por nos parecer mais bella, e por que a reproduzimos mui differentemente, restaurada com o auxilio da crítica, que nos obrigou a ler no fim do primeiro verso velida, assoante de fria, e não nenaa†) que nada significa; a ler igualmente volvian em vez de volnan, para buscar o assoante de fria na terceira copla, e a reconhecer pelo sentido que se deve ler mentiz em vez de mentir, na quinta e sexta coplas, e finalmente a conservar tal qual a encontramos no manuscripto a ultima

†) nenaa
uelida

palavra da quinta copla, e da qual nos occuparemos em uma nota final.

Essa cantiga é dialogada: a mãi se mostra incommodada porque a filha se demorou na fonte, e cada vez que uma ou outra fala, o trovador exclama no estribilho o seu triunfo, no meio da desintelligencia da amada com a mãi.

E' quanto julgamos conveniente communicar ao publico com respeito ao importante Cancioneiro da Vaticana; deixando somente de repetir aqui quanto publicámos nas „novas paginas“ de notas ás „Trovas e Cantares,“ isto é á edição de Madrid do Cancioneiro de Lisboa, attribuido ao Conde de Barcellos.

Se em alguma noticia ou apreciação desacertamos, no juizo dos entendidos, pedimos ao publico benigna indulgencia.

F. A. de V.

TROVAS

e

CANTIGAS.

I — Elrey D. Denis

II — João, iogral morador em Leon.

I.

Oÿ oi' eu cantar d'amor,
En hum fremoso vergeu,
Hua fremosa pastor,
Que, ao parecer seu,
Ja mais nunca lh'ÿ par vi;
E poren dixe-lh' assi:
Senhor por vosso vou eu

Tornou sanhuda enton,
Quando m'est' oÿu dizer

E diss': „ide-vos varon:
„¿Quen vos foi aqui trager
„Para m'irdes destorvar
„D'ù diz' aqueste cantar,
„Que fez quen sei ben querer?"

— Pois que me mandades ir,
— (Dixe-lh'eu) senhor, ir-m'ei;
— Mais ja vos ei de servir
— Sempre por voss' andarei,
— Ca voss' amor me forçou;
— Assi que por vosso vou
— Cujo sempr 'eu já serei. —

Diz ela: „non vos ten prol
„Esso que dizedes, nen
„Mi praz de o oyr sol.

„Ant' ei noj' e pesar en;
„Ca meu coraçon non é,
„Nen será, per boa fé,
„Senon do qu'eu quero ben".

— Nen o meu, dixe-lh' eu, ja
— Senhor, non se partirá
— De vós, por cujo s' el ten.

„O meu (diss' ela) será
„U foi sempre, ũ será,
„E de vós non curo ren".

II.

Os namorados que troban d'amor
Todos devian gran dó fazer,
E non tomar ensin' en haver prazer;
Por que perderon tan bon senhor
Com' elrei D. Denis de Portugal,
De que non pode dizer nenhun mal
Home, pero seja profazador.

Os trobadores que pois ficáron
En o seu reino e no de Leon,
No de Castela, no de Aragon,
Nunca pois de sa morte trobáron;

E dos jograres vos quero dizer
Nunca cobraron panos, nem aver,
E o seu ben muito desejaron.

Os cavaleiros e cidadãos
Daqueste rei avian dizer:
E se devian con sas mãos poer,
Outrosi donas e escudeiros,
Que perderon a tan bon senhor,
De quen posso eu ben dizer, sen pavor,
Que non ficou d'al nos Christãos.

E mais vos quero dizer deste rei
E dos que d'el avian bem fazer;
Deixando-se este mundo a perder
Quand' el morreu; por quant' eu vi e sei

Ca el foi rei á fam' mui prestador,
E saboroso, e d'amor trobador,
Todo seu ben dizer non poderei;

Mais tanto me quero confortar
En seu neto, que o vai semelhar,
E facer feitos de mui sábeo rei.

IIJ. IV, V — Hýras Nunes, Clerigo

VI. VIJ. VIIJ — João Hýres.

III.

O ý oj' eu hũa pastor cantar;
Eu cavalgava per hũa ribeyra,
E a pastor estaba senlheira:
E ascondi-me pola ascuitar;
E deyia mui ben este cantar:

-Sob' o ramo verde froledo,
Vodas fazem a meu amigo
Choram olhos d'amor!-

E a pastor parecia mui ben,
E chorava, e estava cantando:
E eu, mui passo, fui me achegando
Pola oyr, e sol nam falei rem;
E dezia este cantar mui ben:

„Hý estorninho do avelanal!
Quando cantades vós, moir' eu;
E pen', e d'amores ei mal.“

E eu oý-la suspirar enton,
E queixar-se, estando con amores;
E fazia guirlanda de flores,
Des ý chorava, mui de coraçon;
E dezia este cantar enton:

„Que coita ei tan grande de sofrer!
Amar amigu', e non ousar veer;
E pousarei sob' o avelanal."

Pois que a guirlanda fez a pastor,
Foi-se cantando, indo-s' en manselinho;
E irei m' eu logo a meu caminho,
Ca de a nojar non ouve sabor;
E dezia este cantar ben a pastor:

„Pela ribeira do rio cantando
Ia la sigue d' amor, quen amores,
A', como d' osmas ai nela frol."

IV.

Que muito m'eu pago deste verão,
Por estes ramos, e por estas frores,
E polas aves que cantan d'amores;
Per que ando ŷ ledo, sen cuidado:
E assi faz tod' omen namorado,
Sempr' ŷ anda led', e mui loũção.

Quand' eu passo per alg̃as ribeŷras
Con boas arbores, per bons prados,
E cantan ŷ passaros namorados,

Logu' eu, con amores, ý vou cantando
E log' assi d' amores vou trobando,
E faço cantares en mil maneiras,

E ei eu gran ris' e grand' alegria,
Quando m' as aves cantan no estio

V.

Por que no mundus mengou a verdade
Punher un dia de a ir buscar,
E lh' ý per ela fui preguntar:
Disseron todos, allur a buscade;
Ca de tal guisa se foi a perder
Que non pode mas en novas aver,
Nen já non anda na ýrmandade.

Nos moestreiros dos frades regrados
A demandei, e disseron m' assi:
Non busquedes vós a verdad' aqui,

Ca muitos annos avemos passados
Que non mor' en nosco, per boa fé;

. . . . . .

E d'al avemos maiores coidados.

E en Ostel ũ verdade soia
Sempre morar, disseron me que non
Morava ý, avia gran sazon;
Nen frade se ý já non conocia,
Nen o abade us' ý non estar;
Sol non queria que foss' ý pousar,
E anda já fóra da abadia.

En Santiago subalbergado,
En mha pousada, chegáron romeus
Preguntei-os e disseron par deus
Muito levade .lo camin' errado

Ca se verdade quiserdes achar
Outro caminho convem a buscar
Ca non saben aqui de demandado.

VI.

Pelo souto de Grexente
Hũa pastor vi andar,
Muit' alongada de gente,
Alsando voz á cantar,
Apertando-se sa saia,
Quando saýa a raia
Do sol, nas ribas do mar

E as aves que voavan,
Quando saya, cançoes
Todas de amor cantavam,
Pelos ramos d'arredor;

Mais non sei tal que estevesse
Que en al cuidar podesse
Se non todo en amor.
Enpero dix', a gran medo:

— Mha senhor fallar vos ei
Hum poco, se m' ascuitardes
E ir m.ei quando mandardes,
Mais aqui non estarei. —

„Senhor por santa Maria
„Non estedes mais aqui;

„Mais ide vos vossa via,
„Faredes mesura ý:
„Ca os que aqui chegaren,
„Pois que vos aqui acharen,
„Ben dirán que mais ouví."

VII.

Meu senhor rei de Gastela
Venho m' eu vos querelar:
Eu amei hũa donzela
Por que m' ouvistes trobar;
O con quen se foi casar,
Por quanto eu la bendixi,
Quer m' ora por en matar.

Venh' ora por en direito
E queix', per ante vós dar:
El ouve de mi dispeito,
E mandou-me desafiar:
Non me osei alá morar,

Venh'a vós que m' enparedes;
Ca non ei que m' enparar.

Senhor! per Sancta Maria,
Mandad ante vós chamar
Ela e min, algum dia:
Mandade-nos razoar;
Se s' ela de mi queixar
De nulha ren, que eu dissesse:
A sa person' quer' eu tuar.

Se mi justiça non val,
Ante Rei justiceiro,
Ir-m.hei ao de Portugal.

VIII.

Hũa dona (non digu' eu qual)
Non agoirou ogano mal,
Polas oitavas de Natal.
Ja por sa missa oýr
E viu corvo Carnaçal
E nom quiz' da casa saýr.

A dona mui de coraçon
Oýra sa missa enton ;

E foi por oýr o sermon,
E vedes que lhe soý partir.
Ouve signa corvo Caron
E non quiz' da casa saýr.

A dona disse que será?
E y o dosign' está já;
Revestida, mal dizer-m'-á,
Se me na igreja non ir;
E dis' o corvo q u a c á,
E non quiz' da casa saýr.

Nunca taes agoiros vi
Des aquel dia que naci;
Com' a quest' ano ouv' aqui;

E ela quiz provar de s' ir,
E ouvý corvo sobre si
E non quiz' da casa saýr.

IX. X. XI. XIJ — João Zorro.

E quem for loada, como vós loadas,
Se amigo amar,
So aquestas avelaneiras granadas,
Verrá bailar!

X.

Elrei de Portugal
Barcas mandou lavrar:
E lá irá nas barcas migo,
Mha filha, o voss' amigo!

Elrei portuguez
Barcas mandou fazer:
E lá irá nas barcas migo,
Mha filha, o voss' amigo!

Barcas mandou lavrar
E no mar as deitar:
E lá irá nas barcas migo,
Mha filha, o voss' amigo!

Barcas mandou fazer,
E no mar as meter:
E lá irá nas barcas migo,
Mha filha, o voss' amigo!

XI.

En Lixboa, sobre lo mar,
Barcas novas mandei lear:
Ai mha Senhor velida!

En Lixboa sobre lo ler
Barcas nôvas mandei fazer:
Ai mha Senhor velida!

Barcas novas mandei lear
E no mar as mandei derrar:
Ai mha Senhor velida!

Barcas novas mandei fazer,
E no mar as mandei meter;
Ai mha Senhor velida!

XII

Pela ribeira do rio Salado
Trebelhei, madre, co' meu amigo
Amor ei migo,
Que non ouvesse;
Fiz por amigo,
Que non fezesse.

Pela ribeira co' meu amado
Trebelhei, madre, co' meu amado:

Amor ei migo,
Que non ouvesse;
Fiz por amigo,
Que non fezesse.

XIIJ. XIV. XV e XVJ — Nuno Fernandes Torneol

XVIJ e XVIIJ — Pero Gonçalves de Porto Carreiro.

XIII.

Que coita tamanha ei a sofrer
Por amar amigo e non o veer;
E pousarei so lo avelanal.

Que coita tamanha ei endurar
Por amar amigo e non lhe falar;
E pousarei so lo avelanal.

Por amar amigo e non lhe falar,
Non lh' ous' eu a coita que ei mostrar;
E pousarei so lo avelanal.

Por amar amigo e non veer,
Non lh' ous' eu a coita que ei dizer;
E pousarei so lo o avelanal.

Non lh' ous' eu a coita que ei dizer,
E non me dan seus amores lezer;
E pousarei so lo avelanal.

Non lh' ous' eu a coita que ei mostrar,
E non me dan seus amores vagar;
E pousarei so lo avelanal.

XIV.

Levad' amigo, que dormides as manhanas frias,
Todas las aves do mundo d'amor dizian:
Leda m' and' eu!

Levad' amigo, que dormides as frias manhanas,
Todas las aves do mundo d'amor cantariam:
Leda m' and' eu!

Todas las aves do mundo d' amor dizian
Do meu amor, e do vosso eu mentaria:
Leda m' and' eu!

Todas las aves do mundo d' amor cantarian:
Do meu amor, e do vosso eu mentaria:
Leda m' and' eu!

Do meu amor, e do vosso eu mentaria:
Vós lhes tolhestes os ramos en que s'oiam:
Leda m' and' eu!

Do meu amor, e do vosso eu mentaria:
Vós lhes tolhestes os ramos en que s'oiam:
Leda m' and' eu!

Do meu amor, e do vosso eu mentaria :
Vós lhes tolhestes os ramos en que pousavam :
Xed' m' and' eu !

Do meu amor, e do vosso eu mentaria :
Vós lhes tolhestes os ramos en que pousavam :
Xeda m' and' eu !

Vós lhes tolhestes os ramos en que s'oiam,
E lhes secastes as fontes en que beviam :
Xeda m' and' eu !

Vós lhes tolhestes os ramos en que pousavam,
E lhes secastes as fontes ú se banhavam :
Xeda m' and' eu !

XV.

Vej' eu mha madr' andar
As barcas en o mar;
E moiro-me d' amor!

Fui eu mha madre veer,
As barcas en o ler;
E moiro-me d' amor,

As barcas en o mar,
E fol-las a guardar;
E moiro-me d'amor!

As barcas en o ler,
E foi-las arender;
E moiro-me d'amor!

E foi-las á guardar,
E non o pude veer;
E moiro-me d'amor!

E non o achei ý,
Quen eu por meu mal vi;
E moiro-me d'amor!

XVI.

Aqui vem, filha, o voss' amigo
O porque vos baralhades migo;
Delgada!

Aqui vem, filha, o que amades,
O porque vos migo baralhades;
Delgada!

O porque vos baralhades migo,
A que tolh' eu bem, pois é voss' amigo.
Delgada!

O porque vós migo baralhades
Quero lh' eu ben, pois qu' o vós amades.
Delgada!

XVII.

Por deus, coitada sigo,
Pois non ven meu amigo;
Pois non ven, que farei?
Meus cabelos, comsigo,
Eu non os liarei.

Pois non ven de Gastela
Non é viv', ai mesela
. . . . . elrei
Mais, toucas da Estela,
Eu non vos trageirei.

Pero m' eu leda semelho
Non me sei dar conselho
Amigas que farei?
En vós, ai meu espelho,
Eu mais non me verei:!

XVIII.

O anel do meu amigo
Perdi-o so lo verde pino:
E chor' eu bella!

O anel do meu amado
Perdi-o so lo verde ray̆ádo:
E chor' eu bella!

Perdi-o so lo verde ray̆ádo;
Poren chor' eu dona d' algo:
E chor' eu bella!

Perdi.o so lo verde pino:
Poren chor' eu Dona Vigo:
E chor' eu bella!

XIX e XX — Fernão Rodrigues de Calheiros.

XXI e XXIJ — Bernal de Bonaval.

XXIIJ e XXIV — Martin de Vigo.

XIX.

Perdud' ei, madre, cuid' eu, meu amigo,
Macar m' el viu sol, non quiz falar migo;
Minha soberba m' o tolheu
Que fiz o que m' el defendeu:

Macar m' el viu sol, non quiz falar migo
Eu vi-o, fiz que non, por seu castigo:
Minha soberba m' o tolheu
Que fiz o que m' el defendeu:

Eu vi-o, fiz que non, por seu castigo,
Que . . . . . ora, quando digo:
Minha soberba m' o tolheu
Que fiz o que m' el defendeu.

E sei m' eu tanto' qual ben m' el querria
Que non metí mentes no que fazia:
Minha soberba m' o tolheu
Que fiz o que m' el defendeu.

Que non metí mentes no que fazia
E fiz pezar a quem m' o non faria:
Minha soberba m' o tolheu
Que fiz o que m' el defendeu.

E fiz pezar a quem m' o non faria
E tornou s' en sobre mi a folia
Minha soberba m' o tolheu
Que fiz o que m' el defendeu.

XX.

Direi-vos agora, amigo,
Camanho tempo passado,
Que non pude veer couza,
Onde ouvesse gasalhado,
Des que vós de mi partistes,
Ta aora que me vistes.

Des oj' mais andarei leda,
Meu amigo, pois vos vejo
Qu' a muito que non vi couza
Que me tolhesse o dezejo,
Des que vós de mi partistes
Ta aora que me vistes.

Des oj' mais non vos vaades
Se amor queredes comigo,
Ca jamais non ar foi ledo
Meu coraçon, meu amigo,
Des que vós de mi partistes,
Ta aora que me vistes.

XXI.

Fremosas, a deus grado,
Tan bon dia comigo
Ca novas me disseron
Que ven o meu amigo:
Que ven o meu amigo
En tan bon dia migo!

Tan bon dia comigo
Fremosas, a deus grado,
Ca novas me disseron

Ca vem o meu amado.
Fremosas, a deus grado,
Ca vem o meu amado!

Ca novas me disseron
Que vem o meu amigo;
C' and' eu mui leda,
Pois tal manda dei migo,
Pois tal manda dei migo
Que ven o meu amigo.

Ca novas me disseron
Que ven o meu amigo:
C' and' eu mui leda,

E cuido sempre no meu coraçon;
Pois non cuid' al, des que vos vi,
Senon en meu amigo,

E d' amor sei que nulh' ome ten,
Pois mig' é, tal mandado:
Que ven o meu amado:

XXII.

Disse' a fremosa en Bonaval assi;
Ai deus! U é meu amigo daqui
De Bonaval.

Cuyd' eu coytad' en o seu corazon;
Porque non foi migo na sagrazon
De Bonaval.

Pois eu migo seu mandado non ei;
Ja m' eu leda partir non poderei
De Bonaval.

Pois m' oje seu mandado non chegou,
Muito viv' eu mais leda, ca me vou
De Bonaval.

XXIII.

Mha irmana fremosa
Iredes comigo
A la Igreja de Vigo,
U é o mar salido:
E miraremos las ondas ..

Mha irmana fremosa,
Iredes de grado
A la Igreja de Vigo;
U é amor levado:
E miraremos las ondas ...

A la Igreja de Vigo,
E' o amor salido
E verrá ý madre
O meu amigo.
E miraremos las ondas . . .

A la Igreja de Vigo
E' o amor levado:
E verrá ý madre
O meu amado.
E miraremos las ondas . . .

XXIV.

Non poss' eu, madre, ir a Santa Cecilia,
Ca me guardades a noite e o dia
Do meu amigo.

Non poss' eu, madre, ver gasalhado,
Ca me non leixades fazer mandado
Do meu amigo.

Ca me guardades a noit' e o dia;
Morrer-vos-ei con aquesta perfia,
Por meu amigo.

Ca me non leixades fazer mandado,
Morrer-vos-ei con aqueste cuidado
Por meu amigo.

Morrer-vos-ei con aquesta perfia;
E se me leixassedes ir, guarria
Com meu amigo.

Morrer-vos-ei con aqueste cuidado;
E se quiserdes irei, mui de grado,
Com meu amigo.

XXV — Pero d' Ornellas

XXVJ — Payo Soares

XXVIJ — Pedro Garcia, Burgales

XXVIIJ — João Servando

XXIX — João de Gangas

XXX — Ruy Paes de Ribela.

XXV.

Nostro Senhor e ora que será
Daquel' que sempre coitado viveu
E vive? Cudará poren ser sandeu;
Ca sabe ben que nunca perderá
Esta coita, ca non quer sa Senhor.

E que será do que quiz mui gran ben,
E quer aquen lh' o non quer gradecer,
Non lhe quer, por ende outro ben fazer?
E sabe que non perderá, per ren,
Esta coita, ca non quer sa Senhor!

XXV.

Nostro Senhor e ora que será
Daquel' que sempre coitado viveu
E vive? Cuidará poren ser sandeu;
Cá sabe ben que nunca perderá
Esta coita, ca non quer sa Senhor.

E que será do que quiz mui gran ben,
E quer aquen lh' o non quer gradecer,
Non lhe quer, por ende outro ben fazer?
E sabe que non perderá, per ren,
Esta coita, ca non quer sa Senhor!

E que será do que sempre servir
Senhor que lhe quiz e quer poren mal
E nunca lhi pois quiz fazer al?
E que nunca desi pôde partir
Esta coita ca, non quer sa Senhor?

Nostro Senhor e ora que será
Daquel' que sempre coitado viveu
E vive? Cuidará poren ser sandeu;
Ca sabe ben que nunca perderá
Esta coita, ca non quer sa Senhor.

XXVI.

O meu amigo que me dizia
Que nunca mais migo viveria
Por deus donas aqui é ja!

Que muito m' el havia jurado
Que me non visse, mais, a deus grado,
Por deus donas aqui é ja!

O que juraba que me non visse,
Pero non sei todo quant' el disse,
Por deus donas aqui é ja!

Melhor fez ca o non disse:

Por deus donas aqui é ja!

XXVII.

Ai madre! Ben vos digo,
Mentiu m' o meu amigo:
Sanhuda and' eu!

Do que m' ouve jurado;
Pois mentiu, per seu grado,
Sanhuda and' eu!

Non foi oje sa via;
Mais ben, des' aquel dia,
Sanhuda and' eu!

Non e' de mi partido;
Mais, porque m' á mentido,
Sanhuda and' eu!

XXVIII.

Ora van a San Servando
Donas fazer romaria,
E non me leixam com elas
Ir, ca log' alá iria;
Porque ven ý meu amigo.

Se eu foss' en tal companhia
De donas, fóra guarida;
Mais non quiso mha madre,
Que fizess' eu de la ida.
Porque ven ý meu amigo.

Tal romaria de donas,
Vai alá, que non á par,
E fora oj' eu com elas,
Mais non me queren leixar;
Porque ven y meu amigo.

Nunca me ame madre mia,
Se d' ela non for vingada;
Porque oj' a San Servando
Non vou, e me tem guardada;
Porque ven y meu amigo.

XXIX

Amigo, se me grande ben queredes
Jde a San Mamede, veer-m'edes
Oje, non me ý mancades amigo.

Pois m'aqui ren non podedes dizer,
Jd' u ajades comigo lazer
Oje, non me ý mancades amigo.

Sereis vós en San Mamede do mar
Na ermida, se me o deus aguisar,
Oje, non me *y* mandedes amigo.

XXX.

Mala ventura me venha
Se eu pola de Belenha
D' amores ei mal.

E confonda-me San Marcos
Se pola Donzela d' Arcos
D' amores ei mal.

Mal me venha cada dia
Se eu per Dona Maria
D' amores ei mal.

Fernand' Escalho me pique
Se eu pola de Vilh' Anrique
D' amores ei mal.

XXXJ — Martin Pedrozelos

XXXIJ — Estevan Hernandes Berero, Cavaleiro

XXVIIJ — Meendinho

XXXIV — Pereda

XXXV — Juyão Bolseiro

XXXVJ — João de Requeixo.

XXXI.

Por deus que vos non pes,
Mha madre, mha Senhor,
D' ir a San Salvador
Ca si oje y van tres
Fremosas, eu serei
A hũa, ben o sei.

Por fazer oraçon
Quer' oj' eu alá ir;
E por vos non mentir
Se oj' y duas son
Fremosas, eu serei
A hũa, ben o sei.

Y e' meu amig' aŷ!
Madre ilo-ei veer,
Por lhe fazer prazer:
Se oj' ŷ hũa vai
Fremosa, eu serei
A hũa, ben o sei.

XXXII.

Srev' Ganes! Por deus mandade
A Roy Pa . . logo este dia,
Se quizer ir a Santa Maria,
Que se non vaa pela Trindade;
Ca me dizen que lh' y tem Fernanda
Cilada feita pela gafaria.

S' a romaria fazer quizer,
Como a sempre fazer soya,
Outro caminho tante todavia;
Ca o da Trindade non lh' é mester;
Ca me dizem que Fernanda lhi quer
Meter cilada pela gafaria.

E cada . . . . que el ven a Santarem
Sempre alá vai fazer romaria;
Do da Trindade porem que soya
D' ir, mandade que se guard' el mui ben;
Ca me dizen que Fernanda lhi ten
Cilada ferra pela gafaria.

XXXIII.

Seria-m' eu na ermida de San Simon
E cercaron m' as ondas que grandes son:
E eu atendend' o meu amigo....
E eu atendend' o meu amigo!...

Estando na ermida ante o altar,
Cercaron-m' as ondas grandes do mar:
E eu atendend' o meu amigo ..
E eu atendend' o meu amigo!...

Cercaron-m' as ondas que grandes son
Non ei barqueiro nem remador:
E eu atendend' o meu amigo...
E eu atendend' o meu amigo!..

Cercaron-m' as ondas do alto mar
Non ei barqueiro, nem sei remar!
E eu atend' o meu amigo...
E eu atend' o meu amigo!...

Non ei barqueiro nem remador!
Morrerei, fremosa, no mar maior:
E eu atend' o meu amigo...
E eu atendend' o meu amigo!...

Non ei barqueiro nen sei remar:
Morrerei, fremosa no alto mar
E eu atendend' o meu amigo...
E eu atendend' o meu amigo!...

XXXIV.

Mort é Don Martin Marcos:
Hi deus se é verdade,
Sei ca, s' é ele moro,
Morta é torpidade,

. . . . . .

E morta é, cuidade,
Morta é covardia,
E morta é maldade.

Se Don Martin é morto
Sempre ten sa bondade;
Oje mais, máos costumes,
Otro senhor catade!
Mais non o acharedes,
De Roma acá andade.
Se tal senhor queredes,
Alhures demandade

Pero chus, cavaleiros,
Sei eu, en caridade,
Que vos avidaria
Tolher d' el soydade;

. . . . . .

Mais que vos diga ben verdade
Non est rei nen conde,
Mais outra poresiade,

Que non direi
Que . . . direi . . .
Que non direi.

XXXV.

Fez hũa cantiga d'amor
Ora meu amigo por mi,
Que nunca melhor feita vi;
Mais como x' é mui trobador,
Fez hũas hrias no sor,
Que mi sacam o coraçon.

Muito bem se soube buscar
Por mi, ali, quando a fez,
En loar-me muit' en meu prez;

Mais de pran por xe mi matar,
Fez hũas hrias no son,
Que mi sacam o coraçon.

Per boa fé, ben baratou
De a por mi bõa fazer,
E muito lh' o sei gradecer;
Mais vedes de que me matou:
Fez umas hrias no son,
Que mi sacam o coraçon.

XXXVI.

Fui eu madr' en romaria
A Faro, con meu amigo,
E venho d' el namorada;
Por quanto falou comigo:
Ca me jurou que morria
Por mi, tal ben me querria.

Leda venho da hermida,
E desta vez leda serei;
Ca falei a meu amigo

O que sempre desejei:
Ca me jurou que morria
Por mi, tal ben me querria.

D' ú m' eu vi co' meu amigo
Vin leda, deus me perdon,
Ca non lhi cuid' a mentir,
Por quanto m' el diss' enton:
Ca me jurou que morria
Por mi, tal ben me querria.

XXXVIJ — Martin Moxa

XXXVIIJ — Attribuida uma vez a Moxa
e outra ao que segue:

XXXIX — Lourenço jograr

XL — Pero de Viviães

XLJ — Pero Alcobo

XLIJ — Fernam Gonçalves

XLIIJ — Pedr' Amigo.

XXXVII.

Per quant' eu vejo
Penso é desejo
Ei coitas, pesar,
Buscando u sejo
O cór m' ctsá rejo;
Que me faz cuidar
Ca pois Franquesa
Procsa

Venceu escacesa
Non sei que pensar.
Vej' eu Molesa,
Malesa
Peresa, Sotilesa
O mundo tornar.

Já de verdade,
Nen de lealdade
Non ouso falar:
Ca falsidade,
Mentira e maldade
Non lhi dan logar.
Estas son nadas
E criadas
Esventuradas
E queren reinar!

As nossas fadas
Iradas
Son chegadas
Per este fadar.

Louvan' as antes:
E, per sirviántes
Amores e poder
Huns joglares
Sus nobres falares
Soyam dezer.
Vej' alongadus
Deitados
Do mundo, i vedadus
E a se perder;
Vej' achegadus
Loadus

De muitos amadus
Os de mal dizer.

Pela crerisia
Per que se soýa
Todo ben reger,
Par cortesia
Solas que avia
Fremoso poder.
Quand' alegria
Vevia
No mundo, fazia
Muit' al que prazer.

Foi-se sa via;
E desia,

Cada dia
Ei de falecer

D' ar que valia
Compria
Seu tempo,
Fogia
Partia
H esconder.

XXXVIII.

Vós que sodes en Corte morar,
Destes privados querria saber
Se lhes hade privança muito durar;
Ca os non vejo dar, nem despender,
Ante os vejo tomar e pedir;
E o que lhes non quer dar ou servir,
Non pode ren com elrei adubar.

Destes privados non sei novelar,
Senon que lhes vejo mui gran poder;
E grandes rendas e casas guaañar,

E vejo os grandes muito empobrecer
E con proveza da grassa cayr.
E ha elrey sabor de os ouvir,
Mais eu non sei que lhe van conselhar.

Sodes de Corte, e non sabedes ren
Ca mester faz a cad' ome que dé,
Pois a' Corte per lidiar algo ven;
Ca se dar non quer, per seu sabor é,
Pois na Corte home non livra por al,
Pense de dar, non se trabalhe d' al;
Ca os privados queren que lhes deen.

XXXIX.

Tres moças cantavam d'amor,
Mui fremosas mhas pastores
Mui coitadas dos amores:
E disse hũa, mha senhor,
„Diséd' amigas comigo
„O cantar do meu amigo".

Todas tres cantavan mui ben,
Come moças namoradas;
E dos amores coitadas,
E diss' a porque perc' o sen
„Diséd' amigas comigo
„O cantar do meu amigo".

Que grande sabor eu avia
De as oÿr cantar enton,
E proguerm̃i de coraçon
Quando mha senhor dizia:
„Dised' amigas comigo
„O cantar do meu amigo.

E se as eu mais oÿsse
A que gran sabor estava
E que muito mi pagava
De como mha Senhor disse:
„Dised' amigas comigo
„O cantar do meu amigo".

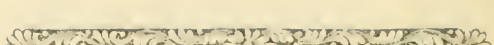
XX.

Pois nossas madres van a San Simon,
De Val de Prados candéas queimar,
Nós as meninas punhemos d' andar
Con nossas madres, e elas enton
Queimen candeas per nós e per si,
E nós meninas bailaremos ŷ.

Nossos amigos todos la irán
Por nos veer; e andaremos nós
Bailando ant' eles, fermosas, sós;

E nossas madres, pois que alá van,
Queimen candeas per nós e per si
E nós meninas bailaremos ŷ.

Nossos amigos irán per cousir
Como bailamos, e poden veer
Bailar moças de bon parecer,
E nossas madres, pois la queren ir,
Queimen candeas per nós o per si,
E nós meninas bailaremos ŷ.



XXI.

Digades filha, mha filha velida,
„Porque tardastes na fontana fria?“
Os amores ei! —

„Digades filha, mha filha louçana,
„Porque tardastes na fria fontana?“
Os amores ei! —

‚Tardei, mha madre, na fontana fria,
‚Gervos do monte a augua volviam“.
Os amores ei! —

— — CXV — —

„Tarder, mha madre, na fria fontana,
„Cervos do monte volviam a augua".
Os amores ei! —

„Mentis, mha filha, mentis por amigo
„Nunca vi cervo que volvesse a rio".
Os amores ei!

„Mentis, mha filha, mentis por amado,
„Nunca vi cervo que volvess' alho".
Os amores ei! —

XXII.

Outros vej' eu que, con gran mengua de sen,
An gran favor de me dizer pezar,
E todolos que me veen preguntar
Qual est a dona que eu quero ben:
Vedes que sandez é, que já loucura
Non catan, nem ar catan mesura;
Nen catan mi, a que non pesa mui ben.

XXIII.

Maÿor Garcia tan pobr' ogano
Que nunca tan pobr' outra molher vi,
Que, se non foss' o arcediano,
Non avia que deitar sobre si;
. . . . . o daiam
E por aquello que lh' antr' ambos dam
And' ela toda coberta de pano.

XLIV — D. Affonso Sanches

XLV, XLVJ e XLVIJ — Conde D. Pedro

XLVIIJ e XLIX — Elrei D. Affonso de Castella e Leon

L — D. Affonso XI.

XLIV.

Vasco Martins, pois vós trabalhades
„E trabalhastes de trobar d'amor,
„Do que agora, por nostro Senhor,
„Quero saber de vós, que m'o digades.
„Dizede m'o, ca bem vos estará,
„Pois vos ésta por quen trobastes já
„Morreu, por deus, porque trobades"?

„Afonso Sandes, vós preguntades
„E quero-vos eu fazer sabedor;
„Eu trobo e trobei pela melhor

„Dona que deus fez; esto le ajades
„Esta do coraçon non me saberá
„Sed' tendrei seu ben se mi o fará:
„E vós al de mi saber non queirades.

„Vasco Martins, vós non respondedes:
„Nem entendo, assi veja prazer,
„Porque trobades, que ouvi dizer
„Que aquela por quem trobad' avedes,
„E que amastes vós mais d'outra ren,
„Que vos morreo, de gran temp' é; por en
„Pola morta trobar non debedes".

„Afonso Sandes, pois non entendedes
„A que guisa vos eu fui responder,

„A mi en culpa non deveis poer;
„Mais a vós, se o saber non podedes:
„Eu trobo pela que m'en poder tem;
. . . . . .
„Pois minha é, amo como o vedes.

„Vaasco Martins, pois vos morreo por quen
„Sempre trobastes, maravilho m'en
„Pois vos morreo, como non morredes?

„Afonso Sanches vós sabede ben
„(Que o) que ama é com perda de sen:
„Apoi que trobedes, sabeloedes"!

XXV.

Que muito bem me fez nostro senhor
Aquel dia en que m' el foi mostrar
Hũa dona que fez melhor falar
De quantas fez, e parecer melhor;
E o dia en que me a fez veer
E quiz albi que foss' en seu poder
U me podia nunca mais vedar.

. . .

E pois eu nunca d'outra ren sabor
Poss' atender, para me conselhar,
Mui ben posso con verdade jurar,
Pelos que dizen que an mal d'amor,
Que con verdade non podem dizer
Porque cuidan d'ŷ tomar gran prazer
O que a mi nunca pode chegar.

Nem sperança nunca poss' aver,
Com' outros an, d'algun ben atender;
Pois eu meu ben nunca posso cobrar.

XXVI.

Tal sazon foi en que eu já perdi
Quanto ben houve, nem cuidei aver,
Que pár podesse a outro bem ser;
Mais ora mi guisou deus assi,
Que ú perdi tan gran ben de Ṣenhor
Cobrei d'atender outro mui melhor
Em todo bem de quantos outros vi.

E quand' en outra sason perdid eu
Aquel gran ben cogi, cuidei que non

Perdesse coita do meu coraçon;
Mais agrados tal senhor mi deu,
Que de bon prez e sen e parecer,
He mui melhor de quantas quiz fazer,
E quiz log' ý que foss' en poder seu

Hũa d' empedir aquela que amar
Sabia mais, que mi nen outra ren,
Non cuidava d' ante d' aver o ben;
Mais prougo a deus de mi o assi guisar
Que eu perdi aquela que amei
E outra senhor mui melhor cobrei,
Que me faz deus servir e dezejar.

XXVII.

Non quer' a deus por mha morte rogar
Nem por mha vida si a non m' ha mester
E aquele que a rogar quizer
Por si o rogue, leix' a mi passar
Assi meu tempo, ca morte en durar
Nunca me pode bem nem mal fazer,
Nem ond' eu aja pezar, nem prazer.

E ja m' el tanto mal fez que non sei
Ren ú me possa cobrar disso; non

Sei, nem sôbe ren, nem sab' el razon
Porque me faça mais mal de quant' ei,
E pois eu ja tod' esto passei,
Nunca me pode bem nem mal fazer,
Nem ond' eu aja pezar, nem prazer.

E bem nem mal nunca m'el já fará,
Pois m'el pezar contra gran coita deu
Que nunca prazer ar notará meu,
. . . . . .
E pois por mi tod' esto passou já
Nunca me pode bem nem mal fazer,
Nem ond' eu aja pezar, nem prazer.

XXVIII.

Quem da guerra levou cavaleiros,
E a sa terra foi guardar dinẽiros:
Non ven al Maio.

Quem da guerra se foi con maldade,
A sa terra se foi comprar herdade:
Non ven al Maio.

O que tragia o pano de linho,
Pero non veio polo San Martinho:
Non ven al Maio.

. . .

O que tragia o pendon sentado,
Per quant' agora sei de su fado (?)
Non ven al Maio.

O que se foi comendo dos murtinhos,
E a sa terra foi bever os vinhos:
Non ven al Maio.

O que com medo fugiu da fronteira,
Pero ten já pendon sen caldeira:
Non ven al Maio.

O que roubou os Mouros malditos,
E a sa terra foi roubar cabritos:
Non ven al Maio.

O que da guerra se foi con espanto,
E a sa terra se foi armar manto:
Non ven al Maio.

O que da guerra se foi, con gran medo,
Contra sa terra espergendo, tredo;
Non ven al Maio.

XLIX.

Ô que foi passar a serra,
E non quiz servir a terra,
E ora entransa guerra;
Que favoneia,
Pois el tan muito erra:
Maldito seja.

O que levou os dñeiros,
E non troux' os cavaleiros
Por non ir nos primeiros,
Que favoneia;
Pois que veio com os postumeyros:
Maldito seja.

O que filhou gran soldada,
E nunca fez cavalgada,
E porisso oj' agrada;
Que favonela,
Se erra com' eu en a meznada,
Maldito seja.

O que meteu na taleiga,
Pouc' aver e muita meiga
E por non entrar na veiga;
Que favonela,
Pois é mais mole que manteiga,
Maldito seja.

2.

Em um tempo cogi flores
Del mui nobre Paraiso:
Guitado de mis amores,
E del su fremoso riso!
E sempre vivo en dolores;
E ýá l' non puedo sofrir!
Mais mi valera la muerte,
Que en el mundo vivir!

Jo cum cuidado d' amores,
Volo vengo en a dizer
Que es aquesta mi Señora
Que mucho desejo haver.

„En el tiempo en que solia
„ Jo coger daquestas flores
„D' al cuidado non avia,
„Des que vi los sus amores:
„E non sé por qual ventura
„Me vino cuid' a falir;
„Si lo fiz' el mi pecado,
„Si lo fiz el mal decir",

Jo cum cuidado d' amores
Volo vengo en a dizer

Que es aquesta mi Señora
Que muicho desejo haver.

Non creades, mi Señora,
El mal dizer de las gentes
Ca la muerte m' es llegada,
(S) en ello parardes mentes,
Mi Señora nobre! Vossa
Merced vos vengo pedir:
Atended' a mi dolor,
E non me deixe'es morir!

Jo cum cuidado d' amores
Vo-lo vengo en a dizer
Que es aquesta mi Señora
Que muicho desejo haver.

„Jo cogia flor das flores
„De que tu coger solias:
„Guitado de mis amores!
„Ben sé lo que tu querias: . . .
„Dios lo pueste por tal guisa
„Que te lo pueda fazer: . . .
„Ante quisera mi muerte
„Que t' assistir a morrer".

Jo cum cuidado d' amores
Volo vengo en a dizer
Que es aquesta mi Señora
Que muicho desejo haver.

NOTAS.

I.ª

São verdadeiramente tres as variantes que se notarão na presente edição da cantiga do rei trovador que reproduzimos.

Lemos na 2.ª estropha *destorvar* e não *de estorvar*, e no fim da 4.ª *sinon do qu'*, em vez de *sinon no*. Igualmente não tivemos dúvida em acertar em *ou* a rima do 6.º verso da 3.ª estropha, preferindo a syllaba *rou á m' ei*, que, segundo se verá das notas seguintes (veja principalmente as 38 e 46), fazia essa estropha não acorde com as outras tres.

II[a].

Em virtude da mesma lei não duvidamos considerar errado o 4° verso da 3[a] estropha desta canção, o qual devera rimar em *ãos*. Cremos que o trovador teria antes dito

„Outrosi donas e infançãos"

e que algum copista mudaria esta palavra, julgando a outra de igual valor. Pareceu-nos porém que seria demasiada liberdade o tomar sobre nós o restituil-a no texto, e nos reservámos a propor daqui a emenda.

III[a].

No 3[a] verso de pag. XV deve talvez antes ler-se *„so lo"* em vez de *sob' o.* Veja-se a canção XIII. A respeito da palavra *osmas*, que se lê no ultimo verso, pedimos a opinião dos eruditos. Sabemos que em linguagem da gira *osma* significa *chusma, bando.*

IV.ª

E' necessario confessar que Ayras Nunes, como clerigo, devia entender pouco de amores, quando acreditava que os namorados andam sempre *„ledos, louçãõos e sem cuidados"*.

V.ª

Não respondemos pela exatidão da palavra *Ostel*, que se lê na 3.ª estropha. Na 2.ª estropha, julgamos faltar no manuscrito um verso, no logar que designamos pela linha de pontos.

VI.ª

Os versos da segunda estropha estavam mal separados no manuscrito, e postos em tres linhas, em vez de quatro.

VII.ª

A palavra *tuar*, que se lê no fim da 3.ª estropha, se encontra repetida mais

alguma vez no Cancioneiro, no mesmo sentido de *assegurar*, *defender* (tueor), em que a emprega tambem Berceo.

VIII[a].

O verso final de cada estropha

„E non quiz' da caza sayr"

e' um verdadeiro estribilho, e deveria talvez escrever-se como tal, um pouco mais dentro que os outros.

IX[a].

Na nossa copia se encontra escripto „vos velidas et *uo* loadas" sendo que em ambos os casos se deve ler *vós*. Prova da pouca importancia que ha que ligar á orthographia deste pronome, como dissemos na *Noticia Crítica*.

X[a].

Parece faltar alguma syllaba, talvez uma interjeicão, no primeiro verso da se-

gunda copla. Não a supprimos, porque nos occorreu para isso mais de uma palavra, e não podiamos decidir-nos. O antepenultimo verso não duvidamos entretanto corregir juntando a syllaba *as* que não está no manuscrito, por omissão manifesta.

XI[a].

Os juizes competentes dissertarão sobre a palavra *ler* que aqui parece significar *estaleiro*.

XII[a].

Esta composição parece referir-se ao rio Salado, junto a Tarifa, onde se deu a batalha de 3 de Out. de 1340. Por esta circunstancia a colligimos.

XIII[a].

A 1[a] estropha desta canção, attribuida a Torneol, é quasi identica á 1[a] da pagina XV, da trova III, ahi attribuida a Ayras

Nunes, clerigo; onde, como dissemos na nota 13ª, talvez melhor se leria *so lo* em vez de *sob o*, segundo se vê tambem na cant. XVIII. Seria plagio manifesto? Ou serão ambas as canções de um dos dois trovadores? Ha exemplo no Cancioneiro de ver-se altribuida a mesma canção, por acazo nelle copiada duas vezes, a dois autores differentes, como succede á XXXIII. desta collecção.

XIVª.

A 5ª e 6ª copla se repetem no MS. e assim o deixamos.

XVª.

Repetição da palavra *Ler* com a significação de estaleiro. Veja a nota 11ª.

XVIª.

Accentuamos o *vós* na 2ª e 3ª copla, e deixamol-o sem accento na 1ª, parecendo-

nos ir de accordo com o trovador, salvo melhor juizo.

XVII[a].

Não conseguimos decifrar os breves do terceiro verso da segunda estropha. O ultimo da 3[a] se acha errado na nossa copia, dizendo só „Eu non verei“ ; e julgamos que não podiam as duas syllabas que faltam ser outras, senão as que inserimos. No manuscripto encontra-se mais uma quarta estropha, que não transcrevemos por não havel-a podido decifrar de modo que produza sentido.

XVIII[a].

Rayío é o mesmo que *arraião* ou murta. Quanto ao *so lo* veja o que dizemos na nota XIII.

XIX[a].

Não se poderam decifrar as palavras que vão em branco na terceira quadra.

XX[a].

Pareceu-nos que no fim do 2º verso da 3ª estropha devería antes ler-se *comigo* em vez de *amigo*, segundo está no MS., para evitar que esta palavra fizesse rima comsigo mesma.

XXI[a].

De Bernal do Bonaval diz, no mesmo cancioneiro, elrei D. Alonso a Pero da Ponte, conceituando-o de mau trovador:

„Vós não trobades com' proençal
Mais como Barnaldo de Bonaval
E por ende *non é trobador natural*".

XXII[a].

Veja-se a nota precedente.

XXIII[a].

Se diria que com o estribilho recorda o trovador á sua dama felizes momentos antes passados a olhar para as ondas.

XXIV[a].

Achamos no manuscripto repetida a quarta copla, 1[a] de pag. LXX, porém, a nosso ver, foi isso engano de algum copista, e não proposito do trovador.

XXV[a].

Outro tanto não dizemos da repetição da 1[a] estropha no fim desta outra cantiga.

XXVIII[a].

Esta cantiga de João Servando vem repetida no 2° gruppo dellas quatro paginas adiante, com variantes notaveis, principalmente quanto á 4[a] que uma das vezes é inteiramente omittida, e á 1[a] que se lê uma vez como a escrevemos e outra da seguinte modo:

Donas van a S. Servando
Mirriss (Hi tres?) oje en romaria

Mais non quiso mha madre
Que fose' eu hý este dia" :

estropha que parece mais de accordo com as outras, do que a do nosso texto, que alias preferimos, por adoptar nelle integra uma dellas.

No 4° verso da 2ª estropha lê-se

Que end eu fezesse a ida"

O 3° tanto desta 2ª estropha, como da seguinte ha tambem uma pequena variante, que não tomamos em consideração, porque della resulta ficar o verso errado.

Deve advertir-se que no MS. o primeiro verso da 4ª estropha (que infelizmente se não repete para melhor se poder verificar) foi escripto com erro manifesto,

„Nunca me mha madre mia"

o que não faz sentido algum.

XXIXª.

No 1° verso da 3ª copla se lêem no MS. mais duas lettras, que omittimos, por

não fazerem sentido, nem as podermos interpretar por palavra alguma, sem produzir erro para o verso.

XXX[a].

A' invocação de *S. Marcos* não ha que ligar nenhuma importancia mais que a da rima com *Arcos*.

XXXII[a].

No 2º verso pode por ventura no MS. ler-se *Roy parcies*, bem que desta ultima palavra só as duas primeiras lettras se achem mais distinctamente escriptas. Não se trataria porem antes de algum *Roy Martins? Fernanda* se lê uma vez *Hernanda*.

Na 3ª estropha a reticencia depois da palavra *cada* não está no MS. Mas poderia ler-se *cadavez*, fazendo elisão em „*qu*'".

A circunstancia de ser feita em Santarem, não e' sufficiente para a suppor contemporanea d'elrei D. Fernando, que fez dessa primeira villa sua Corte habitual. Ja

no tempo deste rei havia decaido o gosto pelos trovadores, e começava a primar o gosto pelos livros de cavallarias, taes como os da *Tavola Redonda (†)*, *Tirante ao Blanco*, etc.

XXXIII[a].

Parece que a conjunção *e* no principio do estribilho, se deve suprimir, embora faça bom sentido. No codice da Vaticana começa logo o verso „*Eu atendendo*“. As reticencias foram por nós postas, pela mesma liberdade que declarámos tomar acerca de toda a pontuação.

XXXIV[a].

O mesmo dizemos a respeito das do penultimo verso desta satyra de Pereda. As que se encontram depois do 4° verso da 1[a] e da 3[a] estropha são egualmente nossas;

---

†) Para a nota 51 reservamos uma noticia de dois MSS. antigos deste romance.

pois, á vista da 2ª estropha, devem ahi faltar estes dois versos. No 3º v. da 3ª estr. se encontra o verbo *avidar*. cuja existencia foi negada pelo Sr. Diez. No proprio Cancioneiro, de lettra mui differente do de Lisboa, encontramos outra vez (c. 1053.) *avidasse*, e outra *avide* (Affonso Annes de Coton).

Do proprio modo como está empregado *Avidaria tolher d'el soydade* não se poderia ler aiudar ou ajudar, que pediria outra regencia grammatical. Aqui *avidaria* quer antes dizer *conviria, importaria*, etc.

XXXVª.

Por *lirias no som* quereria o trovador significar o que hoje se exprimiria por *variações, modulações*, etc. Talvez dessa palavra proceda a hoje vulgar *lérias*, só applicada aos contos ou divagações fantasticas dos falladores.

XXXVIª.

Ao ler Faro, imaginamos que Requeixo seria algum algarvio trovador. Se ha terra

na Galiza com esse nome, della se deve tratar: e o dito por não dito.

XXXVII[a].

Os tres ultimos versos foram quasi adivinhados, quem sabe se felizmente, de uma linha assim escripta:

Foguiu pertuit' asconder.

XXXVIII[a].

Esta canção satyrica encontra-se duas vezes no Cancioneiro; e não só com erros manifestos ambas as vezes, mas com alguns versos inteiramente differentes, e, o que é mais, attribuida a 1[a] vez a um trovador (Martim Moxa) e a segunda a outro (Lourenço Jograr). Assim os tres ultimos versos, para os quaes preferimos o texto attribuido a este segundo trovador, se encontram no texto attribuido a Moxa, e que se diz allusivo „a *elrei D. Affonso* (XI. provavelmente) e *seus privados*“, mui differentes, e taes que apenas os podemos ler do modo seguinte:

Pero de se dar, non se ganha em dar;
E se non dér, non se pod' adubar,
Al cab' privados queren que lhes deen.

O certo é que de qualquer das duas versões a estropha resulta certa e com o mesmo accordo symmetrico das outras companheiras. (Veja a nota XLVI.)

Duas outras variantes se notam na 2ª estancia, uma no 1° verso, em que, attribuindo-a a Lourenço Jograr, se lê „*non sei mais falar*“, em vez de „*non sei novelar*“; e outra no 4°, em que em vez de „*grandes muito*“ se lê „*a gente toda*“.

No fim do 5° verso da 1ª estropha pode-se ler n' um dos dois textos *gouvir (gosar)* em vez de *pedir*, lição que talvez deva ser preferida.

XLIª.

Fremosas se lê no 3° verso da 2ª estropha. Esta cantiga, que é a em que nos dois manuscriptos se lê distinctamente *nenaa* em vez de *velida*, é uma das que mais trabalho nos deu para a restaurar, como dizemos na *Noticia* que precede, p. 46 e 47.

No 2° verso da 3ª copla repetiam-se as palavras „*do monte*“ depois da palavra *augua*. Ainda que todos conhecem a expressão de *agua do monte* applicada á das enchentes, supprimimos essas palavras, que fariam errar o verso, de accordo com o voto do digno Prof. Mussafia, mui competente em quanto respeita á poesia dos trovadores e que se dignou ajudar-nos a rever as provas deste trabalho.

Pelo que respeita ao fim da canção, preferimos a palavra *alho* que se acha no nosso M. S. a *alto* que se lê no de Roma (†), segundo Grüzmacher. *Alho* ou *allo* poderia bem significar o mesmo que hoje *algo*. Cumpre-nos porém declarar que se o verso podesse ler-se

Nunca vi cervo que volvess' a vado

---

†) Mais para que o leitor tenha uma ideia dos muitos erros em que abundam as copias tanto a Vaticana como de Madrid, do que com intento de censurar, apontaremos aqui algumas outras passagens, evidentemente erradas, das trovas transcriptas pelo mesmo Sr. Grüzmacher

o sentido da ultima estropha resultaria com mais analogia ao das anteriores.

XLII[a].

Não podemos assegurar se esta composição se acha completa, ou se é apenas a ultima estropha de outra maior. Damol-a somente por ser a 1[a] do Codice, e ser-nos necessario fazer a ella referencia, como praticámos na pag. 11.

---

no Tom. 6° do Jahrbuch für Röm. und Engl. Litteratur, pag. 357 e segs[s]. —

Affonso Sanches.

	onde diz:	deve ler-se:
vers. 9	*niu dinga*	*viv' comigo*
„ 11	*nenpeu*	*sempr' eu*
„ 19	*peissen*	*per ren*

Stevam Coelho.

„ 1° e 4°	*sugo*	*fuzo*

Conde D. Pedro.

„ 4	*lhesta*	*lh' era*
„ 7	*sperada*	*specada*
„ 13	*hirando*	*tirando*
„ 20	*pando esseo merpado*	*ficand' o esteo rompudo?*

XLIII[a].

Outro tanto dizemos desta que offerecemos somente pela circunstancia de rematar nella o grande Cancioneiro, e a ella nos devermos referir na pag. 14. Para a podermos publicar nos foi necessario supprimir parte do 5° verso, pela mesma razão que terão de ser supprimidas trovas inteiras, quando se venha a dar á luz todo o Cancioneiro.

XLIV[a].

A linha de pontos depois do 5° verso da 4ª estropha foi posta por nós na convicção de que ahi falta um verso, como se deprehende das tres estrophas anteriores, em vista do que exposemos nas notas 1, 38 e 46.

XLV[a].

Preferimos supprimir a 2ª estropha por não a conseguir copiada de um modo satisfatorio.

XLVI[a].

As tres estrophas desta cantiga do Conde D. Pedro apresentam uma verdadeira norma da regularidade e symetria na rima de que tratamos na nota 38[a].

XLVII[a].

A linha de pontos na 3[a] estropha não está no M. S.; mas pozemol-a para designar que deve faltar ahi um verso.

XLVIII[a].

Depois da 3[a] copla seguem-se mais duas que omittimos, por não termos podido nellas decifrar as palavras que deveriam ser mais caracteristicas.

XLIX[a].

Tanto esta canção como a precedente, e ainda mais outra em que lemos as estrophas

Dom João quando ogaño aqui chegou
Primeyrament', e viu posta a guerra,
Tan gran sabor ouve d'ir a sa terra,
Que logu ẽio por adail filhou
Seu coraçon, e el feẓ lh'ý leixar,
Polo mais toste da guerr' alongar,
Poẓ en esforço, e passou a serra.

E en esto feẓ come de bon sen,
En filhar adail que conhecia,
Que estes passos máos ben sabia,
E el guardou logu' enton mui ben
Des ý, e feẓ lide desto leixar

. . . . . .

Da fronteira e en tal guerra leixar seu señor:

. . . . . .

Muito foi ledo, se Deus me perdon',
Quando se viu d'aquelles passos fóra,
Que vos ja dix', e diss' em essa ora:
Par Deus, Adail, muit' ei gran razon
De sempre vós m'afazer d'aleixar;
Ca (eu) non me mova deste logar
Se jamais nunca cuidei passar l'ora.

E ao demo non á comendar
Prz' deste modo en armas e lidar
Ca non e' jogo de que omen chora,

parecem mais referir-se á época de Alonso XI, do que á de Affonso o Sabio, aquem Wolf não duvidou attribuil-as, bem como outras dezesete mais que no grande Cancioneiro da Vaticana se dizem de "*elrei Dom Affonso de Castella e Leon.*"

A razão unica que teve para isso Wolf, seguido pelo Sr. Diez, foi o vir logo

depois no Cancioneiro designado Alonso XI., autor da canção Castelhana que publicamos sob o num. L., pelo seu honroso titulo de "vencedor de Benamarim a par de Tarifa".

Deve porem notar-se que o collector, quando nomeia segunda ou terceira vez os mesmos trovadores, nem sempre os designa do mesmo modo. Assim umas vezes lhes tira o dom, outras vezes lhes accrescenta o titulo ou o emprego etc. etc.

Quanto a nós, só um estudo mais aprofundado do assumpto dessas vinte poesias é que melhor poderá descubrir qual dos dois Affonsos deve ser considerado seu autor; e inclinamo-nos a crer que, no numero das vinte, ha poesias de um e de outro rei; e que devem attribuir-se antes a Alonso XI. as duas que damos no texto e as estrophas transcriptas no principio da presente nota. Todas nos parecem reduzir-se a queixas deste ultimo rei contra o seu alferes Dom. João Nunes de Lara, quando o deixou sobre

Gibraltar, com pretesto de ir buscar novos reforços, e se foi a Castella revoltar-se; a ponto de obrigar o rei a fazer uma paz menos vantajosa com os Mouros, e fim de ir cercal-o e rendel-o (em Lerma). Parece-nos que de semelhante opinião serão os que compararem o teor destas tres composições, bastante caracteristicas, com a *Chronica Rimada* de Rodrigo Annes, impressa, infelismente com algumas sensiveis erratas †), no fim do tom. 57 da colleção estereotypica de Ribadeneyra.

†) Aqui apontaremos algumas que, revendo-se de novo o M. S., se poderão corrigir na estereotypia:

Copla 361. — *Tera* será provavelmente *Feza:*
„ 496. — *Porto Carnero* lêa *Porto Carrero:*
„ 535. — *Con Johan* „ *Don Johan:*
„ 1102. — *ricio* „ *juicio:*
„ 1339. — *Penna de Cierro* lêa *Penna de Cuervo*, como na 1410.
„ 1457. — *Io faré* lêa *Io saré;*
„ 1717. — *I van ferindo* „ *I va feriendo;*
„ 1743. — *Nin* lêa *Miñ* (Martin Fernandez de Gerez).
„ 1862. — *Que mal* lêa *Que val;*
„ 2317. — *Oteando* „ *Ojeando.*

L.ª

Esta canção é sem a menor dúvida attribuida a Alonso XI., e foi publicada mui errada (tal como se acha no codice da Vaticana) pelo Sr. Wolf, e depois em parte restaurada pelas observações que a ella fez o Sr. Diez, de quem nos separamos ao dizer nos versos 7°, 18°, 31° e 44° *valera*, *vino end' a falir*, *atendede* et *assistir*; quando o mesmo Sr. Diez propõe *valiera* (Castelhano de hoje), *vino a de falir*, *entendede*, e *t' assi rea* ou *t' assi veja*... A primeira destas palavras talvez se podia ler *valya*.

LI. (Veja pag. 152).

Se hoje se começa a crer perdido o texto portuguez de *Amadis de Gaula*, não podemos dizer outro tanto de todo o texto antigo do livro dos *Cavaleiros da Tavola Redonda e demanda de Santo Greal*.

Da parte deste que respeita a Lançarote existe uma versão livre contemporanea de D. João I°, na Bibliotheca Imperial desta Corte, escripta em pergaminho e com o maior esmero possivel, e facil será obter della uma copia.

Não contem, é verdade, o principio; mas nas 199 folhas existentes se encerra a parte mais importante da novella, com circunstancias que não se encontram no texto francez, apesar de citado pelo escriptor.

Serviço grande faria ás lettras portuguesas a corporação ou o litterato que tomasse a si a publicação de tão curiosa livro, que virá reparar em parte a perda do texto antigo.

A cerca do Santo Greal tivemos occasião de ver, ha uns 24 annos, em Lisboa outro manuscripto intitulado: „ *Liuro de Josep abaramatia Intitulado a premeiro parte da demãda do Sãto grial ata a presẽte idade nunca vista treladado do proprio*

original por ho doutor Manuel Alvẽz corregedor da Ilha de Sã Miguel Deregido ao muy alto e poderoso principe el Rei Dom João ho 3º deste nome Elrrei nosso Sñor."

Neste livro se trata muito de Vespasiano †) e de Tito e de sua influencia na conquista de Santo Greal. Pertence ao mesmo cyclo do

---

†) Daremos aqui os assumptos de alguns capitulos de que tomamos nota:

Cap. 4. — Como o Emperador perguntou se J.-C. creia nos idolos.
„ 5. — Como o Emperador enviou buscar as reliquias de J.-C. pelo seu mestre-sala (Gays).
„ 21. — Como Vespasiano.... foi gafo.
„ 23. — Como a Veronica veio a Roma, e como Vespasiano foi são etc.
„ 25. — Vespasiano, havendo promettido não queimar nem enforcar os Caifás, o manda meter em uma barca á ventura.
„ 27. — Baptisa-se Vespasiano.
„ 28. — Pilatos na prisão.
„ 22. — E' condemnado ao Diabo.

famoso livro impresso em 1496 (unico exemplar conhecido e infelismente incompleto) da Bibliotheca Publica de Lisboa, chamado *Istorea do Emperador Vespasiano.*

Na dedicatoria do manuscripto se lê:

" Com esta ousadia comecey a treslada-ção do presente livro que a V. A. hofereço. O qual eu achei em Riba Dameora em poder de hũa velha de muy antiga idade no tempo que meu pay C^or^ de Vossa Corte servia V. A. de C^or^ Dantre Douro e minho. O qual iivro segundo por elle pareçe he spto em porgaminho e iluminado E a caise de dozentos annos que foi sp̃to trata muitas antiguidades e materias boas e sabrosas como V. A. por elle veraa".

Conclue (na folha 311 v.) com esta notavel declaração que bem podera ter sido inventada:

„Este livro mandou fazer João Sanches mestre escolla d'Astorga no quinto ano que o estudo Coimbra foy feito e no tempo do

papa Clemente que destroio a ordem del Temple e fez o concilio geral em Viana e poso entredicto em Castela e neste ano se finou a rainha dona Costança em São fagundo e casou o Imfamte Dom Felipe com a filha de Dom A°. ano de 13 bij anos."

O M. S. da Tavola Redonda existente em Vienna consiste (sem principio) em parte do " *Conto* ou *Romanço de Lançarote*" tirado da copia franceza de Elie de Boron, segundo consta do mesmo texto.

Parece que o codice, que é um volume grosso, fazia parte de uma colleção maior, comprehendendo o *Brado* de Merlim, e *Estoria* de Tristam.

Não tivemos occasião de examinar o *Memorial da Segunda Tavola Redonda* de Jorge Ferreira de Vasconcellos; mas julgamos mui provavel que, se bem se tratará ahi tambem de Lançarote, a sua redacção foi feita sem influencia deste M. S.

Ao notar o anno em que se publicou essa obra, hoje rarissima, de Jorge Ferreira, não nos deveriamos admirar se elle tivesse tomado por texto uma edição italiana publicada em Veneza em 1549 e 1551.

Em todo o cazo o manuscripto de Vienna é mui importante, como specimen de uma fiel amostra de *linguagem litteraria* portugueza no principio do seculo XV. Ahi se vê mui uzado o *ren* e *en* no mesmo sentido que os trovadores os usavam.

Este manuscripto é o n. 2594 da Bib. Imperial, e pode-se ver acerca delle mais circunstanciada noticia no Tom. 14 (pag. 183 a 184) da classe da Historia Bibliologica das Mem. da Acad. das Sciencias de Vienna.

Se alguma vez houvesse de dar-se á luz esta copia talvez acerca do seu contendo, e para preencher a parte extraviada do todo, por meio de traducção, poderia ser de mais auxilio que qualquer edição franceza, o M. S. (copiado de outro que se diz acabado de

escrever em 24 de out. de 1414) que se guardava na Bib. Pub. de Madrid (Aa, 103).

Talvez poderiam servir tambem de auxiliares as edições de Veneza (de Tramezzino) de 1557 e 1558 em 3. vol^{s}; e a *Tavola Redonda* da Coll. de Bologna (por Gaet. Romagnuoli) imp. em 1864.

Additamento.

Cumpre-nos acrescentar aqui mais umas poucas linhas para consignar as erratas que escaparam na *Noticia Critica* que precede este livro.

Na pagina 27, linhas 8^{a} e 9ª deve ler-se: "sobre a composição que damos", etc.— Eram a principio duas, mas resolvemos supprimir uma dellas, ao ver que estava ja publicada. Nas paginas 36^{a} e 39ª devem abatter-se dezesete canções no segundo gruppo das do 15° trovador, e juntar um segundo gruppo de igual numero ao trovador 54°. — Na penultima linha da pagina 37ª lea se "Desquijo" e não "Despuijo".

492521

LPor.C [Varnhagen, Francisco Adolfo de](ed).
V3194c Cancioneirinho de trovas antigas.

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED